Teixeira de Pascoaes

Verbo Escuro

2.ª Edição

Alvaro Pinto, Editor
(ANNUARIO DO BRASIL)
Rio de Janeiro

Ao Fernando Pessoa,
meu ilustre camarada
e amigo | A.
Teixeira de Pascoaes

Reservados todos os direitos de reproducção nos paizes que adheriram á Convenção de Berne: Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912; Portugal: Dec. 18 de Março de 1911.

VERBO ESCURO

DO AUTOR

Vida Etherea — 1906
As sombras — 1907
Senhora da Noite — 1909
Marános — 1911
O Espirito Lusitano ou o Saudosismo — 1912
O Doido e a Morte — 1913
Elegias — 1913
O Genio Português — 1913
Era Lusiada — 1914
Sempre (3.ª edição) — 1915
Arte de ser Português — 1915
Miss Cavell (fóra do mercado) — 1915
A Beira num Relampago — 1916
Os poetas lusiadas — 1918
— O Bailado — 1920
Regresso ao Paraiso (2.ª edição) — 1923
Verbo Escuro (2.ª edição) — 1923
Terra Prohibida (3.ª edição) — 1923.

Obras Completas de Teixeira de Pascoaes

= 14 =

Verbo Escuro

2.ª Edição

Alvaro Pinto, Editor
(ANNUARIO DO BRASIL)
Rio de Janeiro

Cantei, porque me perdi nas Trevas.

O POETA

I. O Poeta alcança os pincaros da Vida; e vem depois contar aos outros homens a paisagem contemplada.

II. Alguns, de entusiasmo, gritam as suas impressões, como as creanças; outros murmuram e rezam... Voz de humildade.

III. Eu amo o grito, o murmurio, a prece, nascidos de alma, descrevendo, com firmeza, o seu ritmo intacto e desnudo.

IV. Ó frase da meia luz!... Verbo escuro... Mistico pudôr...

V. Bemditas as almas discretas e as horas do crepusculo!

VI. Poetas, cantae o sêr humano, o redentor das cousas, o velho Adão que aprendeu, no destêrro, a emendar a obra de Jéovah.

Cantae o homem definindo, em formas de vida eleita, o seu phantasma secular.

VII. Poetas, cantae os phantasmas; quero eu dizer — o que é eterno.

VIII. A grande ilusão da vida moderna, composta de fumo e ruido, pode interessar a pupila dos vossos olhos, mas não a luz do vosso olhar.

IX. Fumo das fabricas, gritos de sirénes, velocidades—sois atitudes da Materia, impostas pelo espirito imitativo e siamêsco.

X. O homem foge do homem. Quer

voar como as aves, correr como as lébres, penetrar nas ondas como os peixes.

O *homem-pássaro* é hoje o super-homem!

Eis a victoria do Pessimismo.

XI. Eu fui dado á luz electrica d'este seculo; o denso fumo industrial satura-me os pulmões; o ruido machanico faz sangrar os meus ouvidos, — e eu não compreendo, não assimilo esta Vertigem, que é de ferro!

XII. Fumos das fabricas, gritos das sirénes, velocidades, qual a vossa intoação espiritual, o vosso etéreo significado? Qual o sentido das palavras — Fôrça, Victoria, Actividade, que modernos vates apregoam? Sois ôcas palavras de metal... a bruta Materia a tornar-se nublosa, a incompreender-se.

Hulha negra feita nuvem de fumo.

XIII. Poetas, deixae cantar o vosso

coração. A intelligencia conhece a Lithurgia, mas ignora a Divindade.

XIV. Cantae os Phantasmas e os Anjos; cantae os obreiros da nova Redempção, — os que trabalham em nevoa de alma o Relampago futuro.

Cantae o que não existe... O resto é cinza.

A NOITE LUSIADA

I. O sol das Descobertas sumiu-se no poente; o canto heroico e acêso entardeceu... é mistica e nublosa canção esparsa no crepusculo; e a primeira estrela brilha através do seu ritmo sombrio...

II. Marmoreas nuvens cheias de outomno, recordam aladas paisagens d'um mundo que se esboça...

III. Presentimentos, figuras, apparições, desenham, no ar, as suas formas incendidas... As arvores falam no êrmo, e a noite parece ouvir as arvores... Extacticos vultos montanhosos esculpem a

face da distancia, marejada de estrelas.
Ha rastros de almas na paisagem...

IV. Ó noite de Portugal, onde vagueia a sombra do Encoberto! A sua voz anda no vento, e a sua espada, fulgindo, incendeia os negros horisontes. O luar vem da prata poída do seu escudo, reflectindo tristezas e lembranças... E o nevoeiro que sóbe dos vales, é a turvação das cousas que o presentem... a sua presença, phantastica ainda, tomando a forma e a côr.

V. É ele, o rei da Saudade, coroado de estrelas, que regressa!

A MEMORIA

I. A Memoria é outro mundo com outras creaturas.

II. A apparencia material das cousas e dos sêres converte-se, na memoria, em animica apparição.

III. A lembrança d'uma creatura é de natureza divina; as cousas que a sugerem são altares, onde a Imagem está presente, mas invisivel.

IV. Quanta beleza beija os nossos olhos! E eles, os pobres tôlos, apenas dão por ela... depois!

V. Ha pessoas que, só depois da sua morte, nos apparecem *realmente*.

VI. O espirito vê melhor á sombra da morte do que á luz da vida.

VII. A lembrança é a côr essencial, a forma eterna, a materia autentica das cousas.

VIII. O *real* e o *imaginario* são duas sombras do mesmo corpo ausente.

IX. Ó Reino Espiritual! Imagem do sêr! Libertação... Que estranha alegria sentirmo-nos imagem bem amada! O homem só é verdadeiramente feliz, não em si proprio, mas no seu espectro.

X. Anteviver a morte, eis a suprêma voluptuosidade... Quantas vezes me sonho desmaterialisado, remoto, em corpo de lembrança, vagueando ao luar d'uns olhos, n'um outro mundo!

XI. Vejo tudo o que passou: fisionomias, atitudes, gestos, modos de ser. Ouço vozes que passaram. O meu espirito anda errante e perdido n'uma floresta de phantasmas; quando a luz exterior, de subito, o ilumina, fica atónito e cégo, e não distingue entre o mundo actual, que é de terra, e o outro mundo, que é memoria.

XII. Ó Distancia que trasformas em edenica manhã o pavoroso inferno solar! e o transitorio vulto presente na eterna presença sublimada! E convertes em corpo de harmonia as formas bárbaras do Som! Revelas o que é grande e escondes o que é mesquinho. Os astros são os teus olhos, as longinquas montanhas a tua sombra... e desce, na luz do luar, toda a melancolia de que és feita.

XIII. Tu, Abidêno amante,
Tu velas n'este horror, com a Saudade.

(Bocage, tom. II, das Rimas).

Eis um verso antigo em que a nossa Deusa adquire já personalidade.

A saudade de alguem ou de alguma cousa quebra a relação que a subordina e torna dependente, para alcançar existencia abstracta, realidade espiritual em si propria.

XIV. A Saudade, com letra grande, aparece-nos ao lado de Abidêno: são duas creaturas que se encontram.

XV. *Ab initio,* vivia confundida e prisioneira; não era senhora sua, mas de alguem ou de alguma cousa.

Depois, libertou-se; e, por ultimo, com a plena revelação, conquista o altar que pertence aos Deuses.

XVI. Primeiros tempos de Coimbra! Passagem da solidão da aldeia para o tumulto da cidade! Tempos de espantos e estremecimentos creadôres!

XVII. Ó meus olhos selvagens de Entre-Douro e Minho, cheios da sombra nua do Marão... sombra que, ao pousar nas aguas do eterno rio, vestiu-se de flôres e enverdeceu...

XVIII. Ó Mondego, as tuas ondas são quasi nevoa e melancolia, marulhando evocações... Lembram velhas ruinas, abrindo largas fendas ao luar que lhes dá um colorido de além-côr e uma vida de além-mundo.

XIX. Ó Coimbra, paisagem quinhentista da Tristeza... Outeiros de saudade... Arvoredos nascidos n'uma terra de alma... Folhagens sentimentaes, dando sombra e palidez... Ó Choupal embalando o seu eterno crepusculo!... Murmurios de lendas... Vozes de sombras mortas evocadas...

XX. Primeiro encontro com os Poetas.

Virgilio dos pegureiros, da edade de

oiro, da solidão! Que misterio o da tua melancolia, aflorando, em sorriso, aos labios virgens de Astreia.

A estrela do pastor brilha nas tuas eclogas, como sobre o êrmo dos nossos pinheiraes, isto é: saudosissimamente.

E João de Deus, rezando a mulher e a flôr! Camillo a rir o seu suicidio! Anthero respondendo á sua duvida pelos labios da Morte! E Bernardim, o ungido da tristeza.

XXI. Primeiros tempos de Coimbra... Anciedades de alma sem nome!... Sombra de Ignês fazendo a minha noite... remotas lagrimas acêsas nos longes do meu sêr... via-lactea a que pertence a minha alma.

Ó saudades da aldeia longinqua... Estrela da tarde sobre os olivaes de Santa Clara... Vulto ausente de Virgem, turbando a paisagem, como que esparso em tudo...

XXII. Depois d'uma longa ausen-

cia, como é agradavel a gente regressar à sua terra natal! Que nova graça têm para nós, as velhas cousas conhecidas!

O quarto de dormir, a escrivaninha, antigos quadros na parêde, o jardim, o panorama que se avista da varanda, — tudo nos mostra uma inédita face que sorri...

XXIII. 17 annos! Época tumultuosa em que deixamos a infancia, a edade de oiro... Primeiro encontro do homem com a lembrança do Paraiso! Primeira saudade! Noite do Passado ainda noitinha, cheia de luz ainda! Sombra da Queda separando-nos da Inocencia... Peccados, tentações... Lagrimas anunciando o Diluvio... Risos, alegrias, que já são lembrança, penumbras caídas do sol.

XXIV. O nosso mundo renovado entra n'uma nova fase; liberta-se dos antigos habitantes, e a *nova creatura* surge.

Olhae: ela ahi vem, indecisa ainda na sua figura de apparição. É a virgem

nublosa, a donzela entre o sonho e a realidade. O seu vulto airoso é de chimera, mas já tem fórma, côr, fisionomia. Vêde a tristeza misteriosa que a cerca, avivando-lhe a formosura, como se fôra a luz que a vae mostrando...

XXV. N'esta edade, o coração devora phantasmas de beleza. Nem ha cousa ou creatura que chegue aos nossos olhos, na sua exclusiva e propria forma. O nosso espirito, em pleno poder creadôr, tudo refaz e transfigura, dando a tudo a carne e o sangue do seu corpo. A materia desaparece.

XXVI. Eis o periodo em que o homem *cria* e, por isso, *vive;* o seu periodo mitologico.

Os deuses passam por ele, vestidos de ar, como cantava Hesiodo; uma alegria de sol cobre a face tragica das cousas, e a onda futura dos naufragios ergue seu lucido vulto, já grávida de Venus.

XXVII. Depois vem o crepusculo, a esposa e a livre critica... Os 30 annos ficam para traz; a nossa terra interior definha; as suas creações espirituaes como que se imobilisam, rareando... e o mundo externo, atravez de largas clareiras, férenos directamente a vista desencantada.

A virgem mistica em seu vulto imaginario, é agora a esposa evidente. O cerebro do homem, em vez de crear vida espiritual, contempla, analisa as suas antigas creações, classificando-as de sombras mortas... Que admira? Para os olhos da caveira tudo o que existe — é osso.

XXVIII. O homem, ao morrer, apaga com o ultimo suspiro, o mundo em que viveu.

XXIX. A sociedade, entretanto, domina a pobre creatura esteril, enclausurando-a nas suas regras celulares.

O anjo da infancia, o archanjo juvenil, o sêr vivo, emfim, é já o cidadão,

uma especie de fossil animado que, ao descer à sepultura, enquista na terra que o não digere.

XXX. Eis o periodo siberiano do senso-comum, bem mais comum, ai de nós, do que se pensa!

O que n'este periodo, atenua a triste condição do homem, é a insensibilidade adquirida, que o torna indiferente ao abandono de alma em que vive.

O organismo fez-se machinismo.

XXXI. São bem raros aqueles que *teimam* em viver, sob a excommunhão do *Maior Numero* que os chrisma de *malucos, poetas, criminosos, mágicos!*

Mas que admiravel espectaculo, o do homem que vive até à hora da sua morte!

Eu vos abençôo, malucos, lunaticos, mágicos, criminosos, poetas! e os que sáem para a rua sem chapeu por divino esquecimento! e os que vão a falar sós

pelos caminhos... e os que olham a lua, latindo intimamente... e os que se não conformam, os que não seguem a lei nem o costume, — todas as creaturas onde o anjo da infancia sobrevive.

PRIMEIRO REMORSO

I. N'uma tarde da minha infancia, roubei d'um ninho dois melros, já vestidos de negras pennas, tentando imprimir, no ar, o remoto vôo herdado.

II. Pouco depois do crime, senti, perto de mim, um bater de azas afflicto. Era a mãe voando em socorro dos filhos. Como o desejo de os libertar transcurecia violento em seu desgrenhado aspecto! Mas o mêdo á minha pessôa (horrendo bicho para ela, com certeza e com justiça) não lhe permitira o acto audacioso.

III. E a pobre mãe voava, voava... descrevendo em tôrno do meu sêr, negros circulos infernaes, incertos e confusos, na penumbra do crepusculo.

IV. D'essa tarde longinqua do meu crime, só me lembro nitidamente do vôo escuro da mãe.

Ainda hoje sinto pairar em mim aquelas negras asas afflictas! Do tôrvo ceu anoitecido, a pobre mãe passou a voar ao longo da minha memoria.

V. E, quem sabe? talvez aquelas asas, depois da minha morte, sejam as proprias asas da minha alma, a caminho de alguma expiação, em outro mundo...

VI. Maior crime do que o roubo dos filhos, foi eu ter ligado o espectro da mãe á sombra do meu remorso!

Ele vive e viverá, no meu sêr, a sua antiga dôr. Ei-lo crucificado em mim, — e é possivel que eu seja uma cruz eterna.

VII. Se o meu drama espiritual resultou d'aquele roubo, aos olhos do vulgo, indiferente, que terrivel tragedia, para um grande criminoso, deve ser a vida!

Contemplae-lhe o *facies*. Percebe-se logo que, atraz d'ele, se desenha o negro portico infernal, com a dantesca legenda!

Vêde a luz do seu olhar: vem tôrva de fumo... e a sombra do seu corpo, abre-lhe um abysmo, aos pés. E, cousa estranha! adivinha-se, ao mesmo tempo, em toda a sua fisionomia, um ar longinquo de inocencia... semblante de anjo esparso n'um rôsto diabolico.

VIII. Atravez do sêr criminoso murmura a alma inocente.

IX. Um bandido guilhotinado, ha annos, em França, momentos antes de caminhar para o supplicio, respondia ás perguntas que lhe faziam: *je n'ai frappé! je n'ai frappé!*

É que, n'aquele instante suprêmo, a visão da Morte acorda a alma que se

torna senhora da creatura, — e é ela, a alma, quem aparece a falar.

X. É sublime e odiosa a pena de morte: sublime, porque desperta a alma no homem; odiosa, porque o mata precisamente n'esse divino instante!

XI. Se possivel fosse dar ao criminoso a visão da Morte, sem a Morte?!

ANTEMANHÃ

I. O ceu tinge-se d'um vago sobresalto... É luz do dia? alvor funéreo da noite morta?... Que ar estranho, que palidêz, no rôsto dos viandantes! É um ar de interrogação e espanto.

II. As proprias cousas parecem occultar-se aos nossos olhos... Envolve-as uma aparencia offendida, como que um pudôr maguado...

Nos recantos mais negros, ha phantasmas de Evas que se escondem... Todo um Eden espectral, nocturno, agonisa disperso na primeira claridade.

III. E o silencio da manhã, vozes mortas da noite?... E o alvorôço frio da brisa, n'uma fuga incerta, livida de mêdo?... E os *bons dias* murmurados na penumbra que se desvanece, quebrada no seu encantamento?... Que misteriosa, somnambolica intoação de voz!

IV. Em todas as caras, ao *lusco fusco,* percebe-se um ar estranho de quem chega d'um outro mundo, já quasi perdido nos longes da memoria.

V. O primeiro raio de sol e o primeiro canto de ave colocam debaixo de nossos pés a terra firme e quotidiana.

VI. O sol é o esplendor da Vulgaridade.

ELE

I. Era, á primeira vista, uma creança como as outras; mas, quando de mim se aproximava e os seus grandes olhos verdes me fitavam, respondendo ás minhas perguntas, — a impressão que eu recebia da sua figura angelica e das suas palavras causava-me, atravez do seu encanto, a mais comovida tristeza.

E eu contemplava-o com ancia e sobresalto, como se tentasse fixá-lo, prendê-lo á vida!

Toda a minha ternura, em alvorôço, me subia aos olhos; ia direita a ele; era uma sombra vã protegendo-o!

De que valeu? Ah! como eu sinto transmudar-se em culpa o esfôrço inutil!

II. Quando o vi no leito de dôr, a dois passos da morte, compreendi tudo. O que o instincto suspeitára, confirmou-o a minha consciencia. A Crença sobrehumana apareceu-me na hora da partida para sempre e para longe. A dôr eterna de o perder acordou meu espirito; e ele disse-me tudo n'esse tragico instante em que as lagrimas fulgem misteriosas revelações.

III. E eu vi então que existem creaturas enviadas a este mundo, a fim de cumprirem um alto destino efémero... Pertencem á familia de Christo. O anjo enviado do Senhor interpõe-se entre elas e as suas mães, com o Calix amargoso; o seu berço é já a materia da proxima cruz futura; e ergue-se, além dos seus brinquedos de alegria, a sombra do Calvario...

IV. Amôr, eu estive presente no teu divino Drama! Lá estive, phantasmas de Maria, imovel de dôr eterna! Vi a noite caír da luz do sol! Estremeci no grande

terramoto, e a minha esperança sumiu-se nos túmulos entreabertos.

V. Estas Creanças vêm a este mundo e não para este mundo... O seu encontro comnôsco é milagroso; a sua figura, ao passar por nós, é longinqua... e a sombra que projectam na terra, parece feita de asas tentando o proximo vôo.

E se elas nos beijam, sorrindo, quem oferece o rôsto é a nossa alma... Não nos pertence aquele beijo!

VI. Um olhar, um sorriso, uma palavra, — e eis cumprido o seu destino.

VII. Estas Creaturas são apparições, e nós não sômos mais do que apparencias...

A sua acção divina exerce-se directamente sobre a nossa alma que se cala, guardando o angelico segrêdo, porque elas descem ao mundo para ignotos fins espirituaes...

DA ALEGRIA E DA TRISTEZA

I. Todas as almas são egualmente perfeitas.

Os *corpos* diferem, sendo uns mais aptos que outros para a revelação da *alma*.

Ha corpos opacos que não deixam transparecer a mais branda luz espiritual. Existe n'eles uma alma perfeita, mas incapaz de actuar no mundo externo.

Eis o drama da Estupidez! Quasi todos os *estupidos* têm um ar espêsso de tristeza, condensando-se-lhe sobre o rôsto em máscara inanimada.

A *cousa* encobre o *sêr*. Ó divino eclipse!

II. ~~Contemplae~~ Observae um Jumento... Que melancholia o envolve e sobrepassa, de ~~caídas~~ caídas e compridas orelhas ~~longas~~, profundos olhos abysmaticos, como se fôra o seu espectro! Ó pobre animal trotando ao longo da Via Dolorosa, o mundo sangra, ferido das tuas quatro patas!

III. ~~Vê-se~~ Perache-se a origem do epiteto *burro*... Isto sem ironia, porque, na sua origem, tudo é sério. A fonte chora.

IV. Mas o Jumento revê-se na sua dramatica grandeza... Aquele de que fala Victor Hugo via a sombra das suas orêlhas projectar-se das venerandas cabeças eruditas; e, um belo dia, voltando-se para Kant, zurrou com altivez: «Kant, eu sou um burro e tu és mais do que um espirito!» A encarcerada alma da azémola não trocava a sombra natural em que vivia por essa luz da Razão e do Artificio...

E o *Rocinante*, a pastar as tristezas do seu Amo, ao longo dos êrmos caminhos, maguados do sol-pôr? Como ele

contemplava com indiferença a erva tenra dos campos! O seu lameiro não era n'este mundo...

E o *burro* do Velho Testamento não viu, deante de si, o Anjo, estranhando mais a cegueira do Profeta que a divina Apparição?

E o *cavalo* de Mahomet, imprimindo na sêda poeirenta do deserto pégadas cheias de agua?

E o Pégaso onde cavalga o meu phantasma, porque eu, ai de mim, costumo andar a pé.

V. Ó burros legendarios que pastaes, sacudindo a cauda, na memoria dos Poetas... Quando fitaes as orêlhas... é a musica dos astros a ouvir-se. Apollo deita-vos feixes de luz na mangedoura, e os Anjos sacodem-vos o moscardo com a ponta das suas asas...

Sois quasi semi-deuses!

VI. Mas o *burro* é a creatura eleita

da Tristeza, a estatua que ela modelou com mais crepusculo nas mãos.

VII. Ah, quanto mais rebelde fôr um corpo á acção do espirito, mais negro é o seu vestuario de desgosto.

VIII. Vêde agora a fisionomia d'um penedo... a noite que ali ha petreficada! É a estupidez marmorea, condensando-se até ao raio! a brutidade acêsa, já irmã do igneo Verbo...

Os extremos tocam-se em delirio, fundindo-se, impondo assim á Creação um ritmo, um corpo de harmonia.

IX. Mas não se confunda a escura tristeza da estupidez com a tristeza espiritual, a tristeza que doira a luz da lua, e fala no silencio, e é *alguem* na solidão...

Aquela, nasce da impossibilidade de exprimir o minimo da alma; esta, da impossibilidade de exprimir o maximo. A primeira produz a inercia e uma sombra densa aos nossos pés; a segunda cria o

desejo, a esperança, é a propria sombra da Tentação, projectada pela Saudade.

X. Quanto á alegria, meus amigos, ela vem de longe, porque representa a vida originaria, surgindo em nós, momentaneamente, em corpo de lembrança... São instantes edénicos, primordiaes, que sobem do fundo do Passado á superficie do nosso sêr... e ali desenham o seu relampago fugitivo...

São as alegrias súbitas, sem causa, que escondem o seu nome...

XI. A alegria trespassa-me, torna-me transparente, chimerico! Ha momentos em que o meu sêr, volatilisado, se perde no ar com os perfumes e as canções. É a fuga da alegria, o extase etéreo... a morte!

XII. Ja ouvistes cantar um passarinho, de manhã? Ha no seu canto o quer que é de milagre que pinta de novo

as cousas. Sente-se a infancia, o Eden... A nossa alma corre ao encontro d'aquela voz, vae atravez do sol, liberta-se...

XIII. Alegria significa afastamento... A sua sombra é um êrmo em flôr.

XIV. Sei d'um sorriso que lembra a luz da aurora... Que frescura alumiante! que mimosa graça etérea! Mas percebe-se além d'ele os *outros labios* que sorriem... os labios de marmore e silencio... É a *sombra* que persegue o sêr, o remorso que a nossa vida cria, e onde ela se esconde de Deus, como Caim. É o *remorso de viver,* de receber em vez de dar, impondo á nossa alegria uma atitude humilde... de quem peccou.

XV. Um rôsto alegre é para si proprio um espêlho.

O riso da creatura, ao evolar-se no espaço, representa-lhe a sua effigie verdadeira... Eis o *tragico alegre.*

XVI. Eu vejo-me na minha alegria; estou commigo, emfim! Tambem *sou* na minha tristeza, mas em vulto de nevoeiro, em presença de saudade, como D. Sebastião.

A tristeza oferece-me a quem passa. Não sou mais nas suas mãos do que uma esmola.

A tristeza é o Paraiso Perdido... o longe de mim... Ela indefine, alheia a creatura; tem um perfil de nevoa, e, sob os seus pés, o mundo perde a forma e a côr. Mas a alegria é luz esculpindo a realidade.

Alegria quer dizer — Expressão.

XVII. A alegria é a dôr de receber; a tristeza é o prazer de dar.

XVIII. Quantas vezes sinto perfeitamente que não sou mais que uma transitoria forma casual! Dir-se-ha que a fôlha sêcca do outomno adquire consciencia no meu sêr, e vê, com os proprios olhos, a sua palidez moribunda, o seu vôo in-

certo, e o charco para onde o vento a leva...

Súbito, aparece, em mim, alguem que estava ausente. Arde-me o sangue nas veias. Exalto-me; sonho, aspiro, quero ser. E digo: *Eis a minha fragilidade; mas sou eu que a contemplo. Eu e ela sômos duas creaturas*... E, sentindo-me tocado de sobrenatural, pergunto a mim proprio, ironicamente, como a pessoa estranha: *Quem és tu? Tu não és mais que a minha pobre sombra. Macaqueias a minha presença*... E rio-me de mim.

XIX. Este poder que tenho de ser *alguem* que me contempla de grande altura, de outro mundo, talvez; — de sentir em mim o que é superior a mim;

esta potencia de sonho que me redime e permite cantar o que hei de ser, sobre as ruinas do que fui;

este poder misterioso de me conceber eterno, sendo mortal.

este poder de me transportar á estrela mais remota, sem abandonar a Terra;

este poder de eternisar o que passou, e de conceber o que ainda está para vir;

este poder de extraír o espaço ao tempo, de ser o Passado e o Futuro no mesmo *instante imobil*, porque é infinito...

esta faculdade de jogar livremente com o possivel e o impossivel, subordinando tudo o que existe e vive ao meu espirito;

este esfôrço heroico e sobrehumano é uma grande alegria; — a alegria da victoria do Homem na sua guerra contra Deus.

XX. A Sombra da Inspiração que me arrebata em seus braços phantasticos, — esse espectro de mulher que me corôa a fronte de soluços e beijos, e me contempla com negros olhos remotos; — esse vulto de segredo, esse mêdo, esse nocturno encanto, acende o mais intimo sorriso da minha alma: é propriamente a sua alegria.

Oh, a alegria da Inspiração... Pri-

meiro marulho de aguas novas... O sol, o riso e o cristal.

XXI. Ó Virgem que floresceste o meu passado! Flôr coroada de flôres! Vejo-te ainda vir ao meu encontro, nas manhãs da minha infancia! E vivo ainda este alvorôço d'alma, correndo para ti, atravez d'um ar que já não existe, em que as cousas se desenhavam a riso e luz!

Eis aqui a alegria! a *alegria da lembrança,* a verdadeira, a que dá vida ao nosso espirito para além da morte!

XXII. Eu ergo a minha voz de morte para te cantar, ó alegria de viver! Toda a minha tristeza te exalta, ó alegria! Tua luminosa figura retrata-se nas minhas lagrimas, e a minha dôr persegue-te, como se fôra a tua sombra.

Ó alegria de viver! Concordia, paz, entre a vida e o sêr que vive!

XXIII. E tu, ó alegria de affirmar! canto de victoria! divina palavra — *Sim!*

Ouço-te nos labios de Eva ruborisada, baixando os olhos, perante o desejo do Homem... E ouço-te crucificada nos labios de Christo, perante o calix da amargura...

Sim á Dôr, ao Amor, á Vida, á Morte!

O MAR E A NOITE

I. Ó Mar nos dias de inverno, quando o negro horisonte branqueja e, açoutado pela tempestade, corre sobre os litoraes brumosos; quando singram, em direcção do porto, pobresinhos barcos, remendadas velas de pedir!... Como vôam na asa do vento, cheios de gestos e de vozes! Que movimentos doidos sobre as ondas! Que referver de espumas assaltantes! Que ancioso espanto nos meus olhos!

II. Ó prenuncios de tormenta, rondando em volta do sol-pôr, turvando o oiro do crepusculo!

E a noite sóbe das entranhas do

mundo, toda empoada de cinza, com rugas de ameaça na fronte.

E o *Pavôr*, a *Angustia*, o *Sobresalto* lembram nomes de navios...

III. Como eu vejo, na tôrva cerração, atravez das luzes de bordo, vultos apressados de marujos, pálidos perfis interrogando-se, um inquietante silencio frio que dá relêvo aos primeiros ais do vento nas cordagens.

E ouço o ribombo das ondas nos costados do vapor, e as vozes lúgubres, sinistros pios, gemidos trágicos, que esvoaçam, como aves de agouro, em tôrno dos altos mastros vacilantes, obedecendo ao ritmo da sua fragilidade.

IV. Ó noite escura cheia da voz do mar! É o mar, feito espectro, vagueando sobre as casas... Suas mãos phantasticas batem nos vidros das janelas, e no ar escuro da minha alcôva pairam soluços abafados.

V. Ó mar nocturno crescendo sobre a terra em chôros de melancolia...

Ouvindo a tua voz no silencio da noite, fujo para a tua imensa e liquida soledade...

Sou nuvem, a sombra d'uma onda... alma de Nereide transmigrada...

VI. E divago sobre o mar... Vivo a vida liberta que domina e envolve as cousas. Torno-me n'um sêr chimerico... As Nereides rodeiam-me cantando, soltas as limosas tranças. O mar é um berço embalando a minha vida, e a voz do meu espirito é virgem como a voz das fontes. Concebi-me Divindade. Por esta noite de temporal, criei o meu phantasma neptunino, a quem as ondas obedecem.

E assim, emquanto medito no meu quarto, paira sobre o mar o meu delirio, onde estou mais presente e vivo que n'este pobre corpo de acaso.

VII. Como as ondas têm á noite murmurios de almas mortas! Pélagos de

silencio ganhando voz... molhadas resonancias de longinquas saudades, perdidas da sua origem, desfiguradas e sem destino.

VIII. Ó nublosa Saudade que o mar exhala á noite, quem és tu? Que diz o vento, essa tua linguagem delirante? Fala do principio do mundo, das primeiras edades em que o nosso corpo vivia sem a doença da alma, em que tudo era luz, frescura, superficie.

IX. Ó Saudade do Mar! Divina Imagem vagueando ao longo dos êrmos litoraes, a tua brumosa túnica fluctua nas borrascas, e o teu gesto é de alva espuma... E as lagrimas sobem-me aos olhos, pondo-me em contacto de agua com o mar... E sou êrma praia que misteriosas lagrimas banham... Vejo-as rolar dos longes do meu sêr, lá d'onde é sempre noite...

X. Ó Mar á luz da lua! Bailados

de esplendor sobre as aguas... A lua morta revive no seio das ondas... e é sol!

XI. Ó luar sobre o mar! Farrapos de brancas velas boiando, liquifeitos...

XII. Á luz da lua, a tristeza vagueia sobre as aguas, a tristeza anónima das cousas, o intimo remorso que as ensombra e dramatisa.

Ah, como se presente o peccado original, o peccado anterior ao homem, porque o homem é já expiação.

XIII. Ó tristeza das cousas, sombra morta d'esse desejo proíbido que acendeu contra a noite infinita a efémera luz da Alma, és como um reflexo humanisado de tudo quanto existe... Vejo o teu vulto que o luar define em formas de remota melancolia... Ei-lo que vem sobre as ondas ao encontro do meu coração, isto é, da sua propria sombra.

XVI. Meu coração, que é só me-

moria, em tudo se revê. Cada sêr foi ele; por isso, vive esquecido de mim. Sou o *estrangeiro,* o desconhecido, ou, quando muito, o amigo da ultima hora. A tradição prende-o a tudo, menos á minha pessoa. Eu sou a janela, onde ele se debruça a vêr a paisagem da sua infancia.

A presença do homem é feita de ausencias... O homem é para si proprio a sua mais intima saudade... Sinto que transparece, na minha fisionomia, a palidez d'uma face morta de *alguem* que me deixou e *que sou eu*... A minha vida é procurar-me. Chamo por mim no infinito silencio. Só os echos me respondem. São as cousas regeitando a minha voz... Que hostilidade, que morte rodeia a vida!... Tudo o que existe, é o corpo da solidão em que vivo... tudo o que existe e eu mesmo... Sou a voz que chama e o silencio que não responde...

Ó creatura como é que tu és, não sendo!... Sim, em verdade, tu não existes... O sol esculpe a tua aparencia em formas de lembrança... Teu proprio es-

queleto é funerea e morta recordação... marmorea lápide sobre um velho tumulo.

O espirito que imaginamos ser, visita-nos de quando em quando... Mas o seu ar é distraido, de quem não repára...

O homem é a sombra d'um corpo ausente, é a creatura que descende... a *creatura aparecida* e não *a que aparece*... o homem, as arvores, as estrelas...

Creação quer dizer — saudade... lembrança, esperança, o que foi, o que hade ser... phantasmas, sombras...

XV. Ó mar nocturno á luz da lua! Verdes ondas scintilando recordações...

O vosso amargo sussuro nubloso, verbo escuro das aguas, espraia-se em meus ouvidos de alma, deserto litoral onde começa um outro mundo... e ali se converte na voz do meu Presentimento... Voz de entre sombras que anuncia...

XVI. A luz da lua cáe no mar, como um balsamo que agravasse a ferida. A sua presença phantastica, junto da qual a ne-

voa é marmore, se roça de leve a onda dormente, a onda acorda em alvoroço e, espumando, rola o seu delirio, o seu liquido desejo acêso que se quebra de encontro ás fragas.

XVII. Ó onda, minha irmã, tempestuoso instante de amargura, eu soffro tambem d'uma remota doença, d'um amor estranho que me foi comunicado.

Quando as lagrimas me sobem aos olhos, reflectem paisagens que eu nunca vi, e assim no riso dos meus labios brilha uma luz, uma alegria para mim desconhecida...

XVIII. Os nossos sentimentos são Personagens estrangeiros; passam por nós, com indifferença, a caminho da sua patria.

Como a barca infernal, sinto Sombras em alvorôço, no meu sêr... D'onde vêm? Para onde vão? Misterio...

XIX. Ó mar á luz da lua! Arroubo

mistico e nupcial das Aguas... Ó êrmos de agua! Silencios de agua que choram! Ó Mar esguido em nevoa, quasi humano pelo sonho, pela irrealidade em que se perde e vôa sobre o mundo.

XX. Ó mar nocturno! Lagrima viva d'uma dôr já morta, embebe-te no sorriso frio do luar!

Como as tuas ondas sangram luz, trémulas de divina dôr!

O luar trespassa-te, seus dedos espectraes comprimem-te o coração; e, afflicto de volupia, um luminoso suor inunda-te, e cáes na praia, desmaiado.

XXI. Mas os ventos correm sôltos, imprimindo sobre as ondas, brancas pégadas de espuma.

Despertam as vozes do oceano... Seu borrascoso humor ensombra-lhe a figura alterada... A atmosfera é feita de soluços, como se houvesse naufragios, no ar... E ouço, no silencio nocturno, bater

alguem á minha porta. Alguem? São dois vultos: o mar e a noite...

XXII. E, dentro em meu coração, eles celebram as suas bôdas de nupcias. Todo o meu coração está cheio de abraços que se procuram, de beijos que se encontram... Não é o noivo nem a noiva: é o leito de noivado... leito sensivel e humano que chora a sua eterna sêde ao pé das aguas eternas!

AO CANTO DA LAREIRA

I. Sobre a larga pedra já desgasta, um tronco velhinho arde... Que bailado alegre de chamas! Dir-se-ha que ele tinha oculta no seio toda a luz que recebêra do sol, desde os seus tempos de arbusto.

Como a chama crepita! Vê-se que vae no fumo o seu peccado. Na alta chaminé sombria pairam almas libertas... A chuva sussura e o vento é uma voz perdida... supplicas, gemidos, orações... figuras de alvorôços que perpassam nas trevas.

II. É o ambiente da Intimidade profunda, do divino Alheamento, em que a minha alma, cantando baixinho, parece

adormecer *alguem* que vive afflicto. Eila que fecha os olhos e inclina a fronte docemente... Veste-se de silencio, e dorme, e sonha... e comunica, lá fóra, com a Tristeza que lhe fala, vagueando, á luz da lua, em seu etéreo vulto esparso...

III. E eu, quasi sem existencia, apenas fito uns olhos ausentes na labarêda, louca de fumo, a crepitar desejos incendidos.

IV. Ó canto da lareira! Throno do meu espirito! Ele reina ali coroado de estrelas, e o mundo é o seu imperio.

Ali recebe as almas e os sonhos que vêm de longe...

Ali recebe a Saudade, a rainha enviada ao seu amor... Vêde-a... Arde-lhe o sol no peito; rodeiam-na, bailando, as sombras das cousas, lividos mêdos de nubloso gesto, segrêdos entremostrando a face múrmura... a tristeza, a esperança, o amor...

V. Em ti, ó velha lareira, suja de cinza e fumo, pelas noites de inverno, eu sinto que vivo, e a sombra que projecto, ao clarão do teu fogo, sorri, voltada para Deus...

DA PESSOA

I. Carnaval significa Sinceridade. O homem só é verdadeiro quando se julga incognito. Se tem de representar a sua pessoa, a arte absorve-o, e desvia-o do seu proprio sêr.

II. O homem, sobre o mundo, representa a sua *pessoa*, isto é: garatuja *o que estava escrito*. É o genio siamêsco revelando-se, a auto-caricatura, de *imaginaria*, a tornar-se *organica*.

III. A arte dramatica explica, por si, toda a ascendencia do homem, o unico sêr da creação que imagina *corrigir-se, aparentar* ...

O que parece encobre *o que é*.

IV. Ó Duse, como os teus gestos e palavras lampejam no remoto horisonte dos seculos! Como tu *finges* a Vida!

Brincam os teus labios com o riso, brincam os teus olhos com as lagrimas e o teu coração com o amor... Toda a tua fisionomia é um bailado de expressões... És a *pessoa* etérea, a aparencia quasi divina, imitando a apparição... o indeciso habitante das selvas, a primordial caricatura, tocando-se de beleza e sentido.

V. A herdada faculdade de fingir creou a *pessoa,* a figura atraz da qual nos escondemos, — a figura que anda, pelo mundo, em nosso nome.

VI. Propriamente a creatura é de natureza divina, mas depende do que foi, para viver. O Passado caminha á sua frente, ocultando o que n'ela é superior aos annos e aos dias.

VII. A nossa pessoa é o nosso Pas-

sado, o mobil das nossas acções, a creadora do Drama, onde sômos um espectral personagem, odiando, soffrendo, amando, ou antes, *fingindo,* o que em nós é odio, dôr e amôr.

VIII. Os sentimentos não se manifestam exteriormente; só conhecemos d'eles a pintura... *o seu fingimento.*

IX. Sim, a alma é sagrada, intangivel... Nem o ar, nem a sombra, nem a luz lhe toca!

Se deseja aparecer, envia o seu retrato.

X. Nos retratos é que o homem revela a sua *pessoa!*

Observae os grandes retratos, — o de Victor Hugo, por exemplo, apoiando sobre o index a fronte scismadora. Toda aquela seriedade espiritual transcende caricatura. Presente-se o intimo sorriso que a mina... Eis a máscara da Comedia!

XI. Ó velhos retratos de Familia, o vosso antigo riso desbotado paira nas télas e na penumbra das parêdes... Lá se descobre ainda esse remoto instante da vossa *pessoa* entregue ingenuamente ás diabolicas mãos do Artista!

E eu fico a contemplar-vos... fico a vêr o meu phantasma do Passado, a vaga Sombra ironica, isto é, meu sêr ainda esperança...

XII. Ó velhos retratos a óleo! Estiolada tinta definindo e animando misteriosas expressões... antigas atitudes de alma fixadas a côr que a sombra aviva e a luz desmaia... Eu amo a vossa companhia ás horas do crepusculo, — eu que tambem sou, como vós, *um mau retrato do que sou.*

E os vossos olhos?... Só eles vivem no meio d'essas manchas de tinta morta... Vivem, e olham para mim, e falam... Nublosa voz que o tempo abafa...

XIII. Ha retratos que me parecem

contemporaneos; ha outros envoltos n'um ar que os afasta de nós... Se os contemplamos, o seu perfil é sempre voltado para além, para a sua epoca remota, indiferente á nossa presença, — emquanto os primeiros nos olham directamente, e alguns n'um sorriso perpetuo, como se acaso nos conhecessem...

XIV. O homem representa a sua *pessoa;* faz *toillete* para os outros... Passa a vida a impôr á sua Presença — que é Figura, a sua pessoa, — que é figurino.

XV. Crear: eis o mal da creatura, o erro fatal que a diminue. Ela definha na sua obra.

O Universo é a obra, a *pessoa* de Deus e o unico argumento contra a sua existencia.

AS MÁSCARAS

I. A máscara humana é a vera éfigie da morte.

Nascer é pôr a máscara. A creatura não nasce ao mundo, sem vestir primeiro o seu habito.

II. Eis uma cousa estranha! Porque é que tudo vive mascarado? Dir-se-ha que as formas vivas necessitam de tornar insensiveis os seus pontos de contacto; e, para entre si comunicarem, é preciso que as separe a morte.

III. Quando beijamos uma face bem-amada, sentimos *inesperadamente* o encontro do quer que é de inerte e in-

sensivel, onde o nosso beijo desfalece. Aquele corpo que nos incendiára, é quasi um blóco inanimado junto do nosso peito. Conhecemos então a marmorea distancia que separa dois fócos de anciedade e ternura! É que eles ardem no centro de duas máscaras... e são elas que se tocam!

O excesso de intimo ardôr parece, ás vezes, fundi-las; ele irrompe; as suas labarêdas se confundem... Mas tudo se passa n'um instante de ilusão, e o que surge de verdadeiro e perpetuo são duas máscaras afastando duas almas!

IV. É necessario que entre as vidas medeie uma região neutral. D'ahi a existencia de sêres definindo a sua sombra, a variedade de ritmos compondo o cantico da Vida... escuras, demoniacas formas conjugando-se na divina Forma sempiterna.

V. A máscara defende e firma a presença de sêr contra a alma destruidôra.

A interna força dispersiva oppõe-se a figura externa que se concentra e aperta sobre si mesma. A evaporação interior morre condensada na superficie que vae adquirindo, em definidas formas mortas, o intimo turbilhão confuso.

O nosso rôsto é feito de lava arrefecida

VI. Ó mascara, tu és a propria Beleza que se define por humildade e caridade... a Beleza limitando o seu esplendôr, a fim de pertencer a alguem, sendo vista.

VII. Pertence-me tudo o que vejo... E se eu vejo, é que os sêres e as cousas põem, deante de mim, a sua máscara; entregam-se rendidas aos meus olhos.

VIII. A creação é um bailado de máscaras... cósmico entrudo tenebroso!... a vertigem... um delirio de ritmos que se quebram e refazem... Estatua de pó e turbilhonante, mostrando á infinita ce-

gueira o seu busto de dôr, assente sobre o Nada e o Sonho...

IX. Jesus foi o Verbo mascarado entre os homens. Ele apareceu a Maria de Magdala, na manhã de domingo, com a máscara ainda rôta do Calvario... Atravez dos seus buracos scintilava a Divindade que deslumbrou a Terra.

X. E eu contemplo o grande baile de máscaras... Vestidas de fogo, as estrelas bailam em ritmos de luz, cantando, sorrindo luz.

O mundo, com o seu habito de agua e verdura, oferece a mão á lua toda embebida em morte, — e bailam em volta do sol, a tremenda máscara abrazada!

Bailam as nuvens com o vento...

Bailam as árvores com a sua sombra, á luz da lua...

Bailam as ondas, verdes máscaras fugidias, trocando beijos de espuma...

XI. E vejo a máscara do riso, sinuosa lagrima alongada em perfil transparente de ironia... Caricatura do sol desenhada a sangue... Eis a dôr stratificada em riso, vagueando, absurda de contraste, á flôr d'uns labios...

XII. Ó riso, imagem talhada, a golpes de alegria, em marmore de dôr, quantas vezes me escondo no teu seio, para fugir de mim, d'esse phantasma que me persegue desde o nascimento.

XIII. E vejo a máscara do mêdo, esculpida em sombra e palidez... a noite, o luar e o êrmo n'uma figura do Outro-Mundo...

E baila, deante de mim, lúbrica de silencio e tentação...

XIV. E vejo a máscara da esperança, petreficada por haver olhado para traz...

XV. E vejo a máscara da tristeza... Sua tunica de crepusculo, ondulando ao zéfiro do outomno, ergue no ar folhas caidas, poeiras de sonhos que lhe perturbam a imagem indecisa... esbôço outomnal de Deusa...

XVI. E vejo a máscara da inveja e a do odio que se confundem... Fisionomias a arder, caindo em cinza morta, sobre a terra... O peccado modulando-se em aparição suicida, — que a si mesma se consome...

A noite foge de as encontrar, e o sol suspende os seus raios, quando elas passam.

XVII. E vejo a máscara do amôr... Divaga ao luar das solidões, no meio do silencio... Nos seus labios, ainda virgens de riso, paira o verbo escuro, n'uma eterna mudez, sem a nodoa de ser ouvido.

XVIII. Vejo infinitas máscaras que cercam, bailando, a minha máscara con-

templativa, de espectral presença, abysmatica e parada, onde as outras se reconhecem, porque o meu sêr é uma lagôa morta e sem fundo, reflectindo estrelas, nuvens, ramos de arvores...

O ESPIRITO E A MORTE

I. Pergunta o homem ao seu espirito: «Que me dizes tu da morte?»

II. «— Eis uma estranha pergunta! O homem não compreende a morte, por isso mesmo que é mortal; quando ele fala da morte é como se falasse ainda da vida... Só eu a compreendo, eu, — o espirito a quem ela obedece.»

III. «Dize-me então o que é a morte!»

IV. «— De que serve? Ha palavras cujo sentido não entendes. Quantas ve-

zes, surge nos teus labios a palavra *Infinito*, cheia de espanto, sem saber... pondo ela mesmo á sua frente um signal de interrogação...

Eu vejo as *palavras*... E rio-me de as vêr na tua bôca já sem alma, porque essa não me abandona em mim... Quando tu dizes morte, é como se dissesses nada, tudo, finito, infinito... e quando eu murmuro, em tua viva intimidade, taes palavras, tu ficas como abstracto, alheado... ou como quem vae, de noite, por um caminho e pára, julgando ouvir misteriosa voz.

De resto, varias vezes te disse o que era a morte... Mas tu não me percebes... Emfim, tornar-te-hei a repetir que a morte... és tu proprio!»

V. «Eu — o sêr que vive?»

VI. «— Sim; tu és o sêr que vive; mas o que fôste hontem já morreu. Não lhe vês o seu phantasma? E a tua figura infantil? Oh, ahi tens um antigo defunto

em velha campa desfeita... Até este momento da tua vida, tantas mortes soffreste, que só tu, caro amigo, ocupas um cemiterio!

O homem, quando envelhece, não encontra, no mundo, senão phantasmas da sua Presença... E vens perguntar-me o que é a morte! É curioso como ignoras a tua mais intima companheira.

Tu não és o sêr vivo, meu caro! Oh, a dôce chimera! Tu és o sêr que revive a cada instante ou, melhor ainda, o sêr onde a morte se repete.

O que tu imaginas vida é a morte deslocando-se no tempo, a morte em acção a exgotar o Futuro, esse pôço das Danaïdes.

A vida, como vês, é tambem uma pena... Feliz de quem a souber cumprir!»

VII. «Reconheço em ti o espirito com quem me confundo, por vaidade.»

VIII. «— E tu és a creatura humana, o meu espectro... O teu reino é o

da morte. Não receies a morte... isso a que tu chamas morte.»

IX. «A sombra do túmulo apavora-me!»

X. «— Sim, o que te causa pavôr não é o túmulo; é a sua idéia, ou antes, como tu disseste, a sua sombra...

O homem gosta de macaquear o espirito... o que, na verdade, me faz rir... O homem quando vê uma cousa, *cria* logo a sua ideia... Como se entre esta e aquela pudesse haver parentêsco!

Meu caro amigo, o espirito ri-se das *ideias* como as árvores se devem rir do lapis que as desenha... Eu estou mais perto do sol que da sua *ideia*... friorento sol pintado...

Tu, *animal,* contemplas o *espirito,* e desejas imitál-o, siamêscamente... Vêde a minha caricatura... o meu fantasma deante dos teus olhos.

A contemplação do Espirito exhalta e aperfeiçôa; mas não tentes imitá-lo.

Estás ao pé da tua Amante? Não *cries a sua ideia.* Não me obrigues a intervir no idilio... Seria, de resto, um esforço inutil. Mas todos os homens *fazem* uma *ideia* da sua bem-amada... caricaturam-na! D'ahi a comedia no Amôr!

O homem tambem gosta de *pintar* a sua morte, e inventa, para isso, as mais lúgubres tintas...

Na luz solar não existe a côr negra; foi extraída da luz da alma...

Por isso, te digo, emfim, que respeites a Morte; deixa-a na sua nudez inviolavel... Não a enfeites com negros crépes... Apaga o clarão dos cirios que lhe revela as formas cadavericas... Não *cries a sua ideia*... compreendes?»

DA ORIGEM

I. *Ab initio erat Verbum*. Assim o decretou S. João.

II. O espirito affirma, e ri-se da inteligencia que discute... Ele vive indiferente ao seu vestuario de ideias. Estas cáem e renovam-se, como as folhas das arvores, mas o tronco é sempre o mesmo...

Na propria alma ha o quer que é de imutavel, para além das *nuances* que a esfumam em vagas apparencias novas.

III. Emquanto a *alma* fala, e se mostra, e adora o mundo, o *espirito* silen-

cioso, do intimo do nosso sêr, contempla... Ás vezes, com um simples gesto, apaga todas as vozes da alma que muda então de conversa... E a Vida põe nova máscara.

IV. Antes das cousas já existia Deus, mas só depois do homem é que ele vive.

V. Deus, ao mesmo tempo, é a ultima creatura e o primeiro creador.

Emquanto me comovo e rezo, emquanto Deus, de existente, se torna vivente em meu espirito, nasce uma estrela no infinito.

VI. A estrela é um passo de Deus para o Sêr; a oração, — um passo do Sêr para Deus...

VII O Homem existe e vive. A existencia cria o tempo e o espaço; a vida destróe-os.

A vida consome o espaço e o tempo que a existencia acumula.

VIII. Todos nós, quer nas grandes alegrias ou grandes dôres, vivemos, por um instante, a vida absoluta.

O espirito, de quando em quando, tem d'estas fugas instantaneas para além da morte.

IX. Todo o principio é fim. Profundidade é nova superficie. A vida e a morte coincidem.

X. Esta questão da Origem mostra o desejo de definir, — desejo que é o proprio mobil da alma, pois definir equivale a vêr.

Vêr! é a tentação da Morte!

XI. A idea de origem representa um horisonte erguido pelos nossos olhos, no mais longinquo do Passado...

Quem sabe se o Futuro contará da nossa época a origem da Humanidade?

XII. O *existir* cria a *ilusão de Tempo* a qual por sua vez, cria a *ilusão de Origem.*

XIII. Por emquanto, no homem, a *cousa* diminue e restringue o *sêr,* a *existencia* asfixia a vida.

Nas nossas palavras o vento murmura ainda, e a pedra, meus amigos, entra na composição da nossa sombra.

XIV. Em nós, a *existencia* é um mar; a vida uma gota de agua.

XV. As ideas são mortas caricaturas das cousas... pobres imagens phantasticas eclipsando o Espirito. Dentro da minha idea de espaço, pouco mais vejo além do meu jardim, e a minha idea de tempo é mais escura que a sombra do quadrante... Quando digo *Arvore* com letra grande, vejo, na minha memoria, com letra pequena, as arvores do meu pomar... E quando penso em Deus, nas horas quo-

tidianas, o meu pensamento abrange, por favôr, as letras do seu nome.

XVI. Sim... as nossas ideas são as cousas em palida e fria imagem. A pobre creatura humana vive encarcerada nas suas ideas, n' uma atmosféra de artificio...

Mas nós sentimos bem que, em certos momentos da vida, o nosso espirito, n'um impeto abrasador, volatilisa tudo, e o que aparece é Ele, — esse infinito incendio cujas faúlas são estrelas...

XVII. E eu lembro, sorrindo, esse heroi-comico gesto do Apostolo, colando, na fronte do Universo, a sua *ideia* de Origem.

XVIII. Ó pobre Maria, como te subordinas a todas as leis humanas! Como vestes a nossa loucura!

É assim que apareces a Deus?...

TURBA-MULTA

I. No Principio era o Desejo; depois apareceu a *cousa desejada* ou, melhor, a *sua lembrança.*

II. O futuro é o passado que amanhece.

III. A mulher é o phantasma do nosso Desejo. Deus fê-la da sombra do homem.

IV. A mulher puramente animal é como as outras fêmeas; mas a virgem, a donzela é irmã dos Deuses!

V. Nunca ameis uma cousa ou creatura em si propria; amae-a na sua recordação enternecida, pois n'essa recordação é que ela está presente, e viva, e digna do nosso amôr.

VI. Se nos enlevamos na contemplação da creatura bem amada, é porque a *sua lembrança* vagueia sempre entre ela e os nossos olhos.

VII. A presença d'um sêr não destróe a saudade que ele nos deixára ao afastar-se... Ele não regressa a nós inteiramente... A sua verdadeira Presença é longinqua e saudosa.

VIII. Nunca vi, deante dos meus olhos, a mulher bem amada. *Isso* que me parecia ela, servia apenas para eu sentir por ela mais saudades.

O murmurio da agua augmenta a sêde.

IX. Ó meu pequenino amôr perfeito, se te houvesse amado em tua vida, como te amo agora?! Toda a ternura da minh'alma que tu sentiste em volta de ti, como sentias o sol e o ar, é nada para este amôr profundo, nocturno, em que o meu coração se mortifica, á porta do teu sepulcro!

X. Não ameis a cousa na propria cousa; amae-a na sua *presença de saudade.*

Eis o perfeito estado amoroso.

XI. Quem conhece todas as ideias que têm dominado o homem, é já uma alta consciencia, mas inerte.

Um homem, para verdadeiramente cumprir o seu destino, necessita de adaptar ao Cósmos a máscara viva da sua alma.

XII. Pilatos perguntou a Jesus o que era a Verdade. O scepticismo não

pode fazer semelhante pergunta, pois a Verdade é aquilo em que nós acreditamos.

XIII. A alegria, o riso e a lagrima! Eis os tres estados porque passa o sentimento humano. O primeiro é a nebulosa, o segundo a estrela, o terceiro é o mundo habitado e arrefecido.

XIV. Os sêres e as cousas são esbôços apenas. O *definido* não existe na Natureza porque ela é essencialmente mulher.

XV. O Tempo lembra um cavalo sempre obediente ao humor das nossas esporas. Sempre?... Não! Até áquele instante em que nos deita por terra...

XVI. «*Amae a Deus sobre todas as cousas*». Decerto. Pois não é em Deus que o homem se encontra sobre todas as cousas?

É proprio do creador amar a creatura.

XVII. A acção do Poeta exerce-se no espaço crepuscular que medeia entre os actos exteriores da vida e as forças misteriosas que os provocam.

XVIII. As cousas que eu observo, causam-me viva impressão estranha, onde elas se continuam transfiguradas.

XIX. A estrela é diabolica em seu frio resplendôr etéreo; mas a sua imagem reflectida na agua, toda cheia de irrealidade purificadora, é um sorriso de Deus...

XX. O homem não é o peccador: é o Peccado.

XXI. As ideias e os sentimentos que nos dominam alterando-se, desproporcionando-se, desencadeiam esse temporal do espirito que se chama Loucura.

XXII. Todo o heroico esfôrço é quixotesco; e provoca, por isso, as pedradas e a galhofa dos garôtos.

XXIII. A caricatura faz rir; mas não esqueçamos que o riso é a máscara da dôr, — a dôr tornando-se incognita.

XXIV. A Arte eleva-nos ao Homem, mas afasta-nos dos homens.

Na Natureza ha o ritmo e não a rima. É uma obra em versiculos, como a Biblia.

XXV. Onde a Materia escura se ilumina e, feita luz de espirito, contempla a noite que a criou, — ali vivem, n'um perpetuo idilio, a Dôr e o Amôr.

XXVI. Em tudo o que nos cerca, julgamos ver alguma cousa de nós proprios.

É o remoto a empecer-nos!

XXVII. Emquanto a gente sonha, o espirito das cousas comunica directamente comnôsco.

XXVIII. O homem é perfectivel porque vê, além d'ele, a Perfeição.

XXIX. É preciso que o nosso espirito chegue a um principio em que o nosso coração acredite.

XXX. O homem é o inimigo do homem... Não me refiro ás almas, é claro. Que importa que sejam amigas, se o são apenas entre si e em outro mundo? Que importa a duas rosas que os seus perfumes se beijem? Entre elas ha só espinhos.

XXXI. O amôr, a ternura, a piedade lembram nuvens subindo da onda tempestuosa do sêr; o mais que ele consegue é contemplá-las de longe, da fundura em que se debate.

A pobre creatura humana verga dolorosamente sob o pêso da Bemaventurança... Cariátide supportando um Eden que é a sua propria obra intangivel, onde ela vive em phantasma.

XXXII. O nosso olhar como que assimila as cousas sobre que incide, integrando-as em nosso sêr.

Por isso, o homem é infinito. O mar com todas as ondas e o ceu com todas as estrelas perdem-se na sua memoria.

XXXIII. Contemplar é ser, d'algum modo, a figura contemplada.

XXXIV. A primeira impressão encerra mais verdade que a segunda. O homem *desprevenido* vê melhor, porque os seus olhos não alteram a imagem recebida. No nosso intimo existe ainda a Sinceridade embora prisioneira, debatendo-se de encontro ao artificio que a cerca. Ás vezes, abre uma fenda no muro da prisão e irrompe em labarêda, alumiando e aquecendo a nossa morta superficie.

XXXV. A visão intelectual definha as cousas sobre que incide; rouba-lhes a côr e o perfume.

XXXVI. Nós fômos a Nebulosa e sômos ainda a Nebulosa... Na nossa voz murmura ainda a origem da vida. Em toda a creatura explende o beijo que aqueceu a hora da sua concepção... Acende-lhe a aureola radiante do perfil, a claridade carnal, a *simpatia*.

XXXVII. Quantas vezes me surpreendo em intimo dialogo com a Tristeza!

Eu amo estes instantes vividos, a sós, comigo.

Amo este orgulho de melancolia que empalidece e eleva a minha fronte, quando projecta o seu pensamento na solitaria noite infinita...

XXXVIII. Tudo o que ha de humano fóra do homem é que mostra a grandeza do homem.

XXXIX. Que prazer espiritual vêr esta obediencia do mundo ao nosso estado de alma!

A dôr da Virgem Mãe escureceu a

luz do sol, e a sombra do nosso olhar dá mais brilho ás estrelas do que a noite.

XL Vive em Deus, isto é, vive com teu espirito.

XLI. Ó palavras indecisas, nevoentas do sonho que as gerou! Verbo escuro do meu Presentimento, vestido em sombra nocturna que o primeiro alvôr já desbota...

Eu amo a tua imperfeição egual á das cousas.

XLII. Só escrevo ás horas mortas, quando o grande silencio nasce do ultimo ruido que se extingue...

O silencio é o Verbo divino, o sôpro de Deus que acende o nosso espirito, — e beija-nos tambem na face.

XLIII. Muito se fala actualmente na alegria de viver! Mas a alegria aparece nas palavras quando foge do coração.

XLIV. Ha quem revele nos filhos o que, em si proprio, conseguiu occultar.

O poder de dissimulação é infinito no homem.

O homem é *um outro sêr* dissimulado.

XLV. Nos albuns de familia, os retratos dos que morreram, envolve-os um ar estranho e delido que os afasta dos outros...

A morte, depois de atingir a creatura, tenta apagar o seu retrato.

XLVI. Esta saudade da infancia, esta lembrança triste dos passados momentos de explendor, é um reflexo da pena que tem de nós o nosso espirito. Ele soffre, ao ver as ruinas do seu corpo natal.

XLVII. De facto, a alma humana é a imagem do mundo *organisada* pelo espirito que n'ela vive. Corpo, alma, espirito são tres pessoas coincidindo.

XLVIII. A amizade é o sentimento mais alto, — tão alto que é inatingivel! A sua luz não chegou ainda á terra. Pertence a outro sistema de almas.

XLIX. Nada mais insuportavel que fazer parte da turba. Sinto no meio d'ela, a minha presença empalidecer, apagar-se...

No êrmo, a gente vive; ali adquire presença o que é ausente, e a nossa figura destaca-se de tudo.

L. Em sociedade só depois de morto e com os mortos.

LI. As grandes desgraças são pesadêlos de que se não acorda. Alcacer Kibir arrefece-nos ainda o sangue.

LII. As tempestades têm a sua origem no coração humano. As lagrimas de Virginia formaram a onda que a afogou.

LIII. O sêr não manda, obedece; fluctua ao sabôr das aguas infinitas, sem

jamais se fixar n'um ponto. Quando desejamos encontrar, em nós, qualquer cousa de imutavel e perpetuo, apenas vêmos um turbilhão de fumo levado pelo vento...

LIV. Mudar é morrer. Se nos lembramos do que fômos, parece que o nosso espirito percorre um outro mundo.

LV. O Paraiso é o Ermo. Já os antigos diziam: os Campos Elisios e não a cidade elisia.

LVI. A Vida não é um mal nem um bem. Vive-se pela Vida, como se morre pela Patria.

LVII. Os passarinhos cantam de manhã, n'uma grande alegria misteriosa. Ah, se eu pudesse vêr o sol pelos seus olhos!

LVIII. O homem descende tão directamente da morte, que a obriga a in-

tervir em todas as suas grandes obras. Compreende as cousas d'um modo fúnebre. Uma acção para ser veidadeiramente heroica, ha-de vestir-se de morte. A estatua do Heroe tem por base um sepulcro.

A morte é um brinquedo infantil ao pé da vida. O homem celebra a morte porque está ainda na sua infancia.

LIX. D'entre os homens, o Poeta é o que vive mais proximo dos animaes e dos deuses.

LX. Ha por ahi muitos poetas da Anecdota que são a delicia do maior numero, emquanto os poetas da Seriedade fazem a delicia vegetal das arvores, a delicia mineral dos seixos e das estrelas e... porque não dizê-lo? — o prazer espiritual dos deuses!

LXI. A alma deve aparecer, na obra de arte, sem intermediarios nem disfarces, e dizer sómente estas pequenas frases,

em que ela se condensa. Não me refiro á logica, ao numero, á medida, aos moldes classicos; mas ao proprio espirito intensificando-se até conquistar a maxima vida dentro do menor corpo — a forma aceza e cristalina.

LXII. O que eu mais amo em Antonio Nobre é um dom que só ele possue: *a graça do dizer, a simpatia do verbo.* E esta sua graça revela o aspecto mais etéreo, não o mais profundo, da alma lusiada, — o seu aspecto feminino.

Encontro apenas no auctor da «Divina Comedia» um dom especial do mesmo genero que sombriamente me deslumbra: *a seriedade escura da Palavra.*

Poetas! ha só duas musas: a inocencia e a desilusão.

LXIII. Em Rodim, o homem é o sêr abysmado nas cousas, a alma semeada em fraguêdos núsˆ... a terra erguendo o busto, humanisado e vivente, como na idade mitologica.

Phidias fixou a Forma hesitante; corrigiu... Os seus marmores scintilam a luz que define, n'um mundo em que tudo é indifinido.

Os de Rodin exhalam a sombra que esboça, representam a vida apanhada de surpreza, em flagrante delicto.

LXIV. A sciencia é como um tumulo, onde jazem as cousas e os sêres metidos em plumbeos nomes derivados do grego e do latim...

Olhae as pobres flôres agonisantes, prisioneiras dos seus nomes feitos de ruidos bárbaros! Ei-las ao longo dos jardins, chumbadas á horrivel etiqueta! Todas soffrem do nome que lhes foi imposto, e as suas pétalas chamam pelo outomno...

LXV. O vestuario é hoje o complemento objectivo do corpo, a face que ele aprsenta á luz do sol, a sua segunda pele.

As mãos e o rôsto são os ultimos vestigios da nossa antiga aparencia.

LXVI. Um homem verdadeiro é um mundo habitado pelo Espirito... o Olimpo d'uma Divindade e tambem, quantas vezes, o Inferno d'um Demonio!

LXVII. O Amor, quando se faz paixão, torna-se doloroso, como tudo o que é grande de mais e geme sob o seu proprio pêso.

LXVIII. A chama do Amôr é roubada ao plutonico fogo. Quem ama alista-se nas fileiras de Satan; quer forçar as portas celestiaes.

LXIX. O que teria a dizer ácerca do meu cão, do gesto da sua cauda, do verbo luminoso dos seus olhos, das suas atitudes transparentes, dos seus diálogos nocturnos, lá fóra, com as horas mortas que passam!

Mas falar de cães, depois de Maeterlinck, é ladrar.

LXX. Certos passaros vêm o sol entes de ele nascer. Erguem o seu primeiro canto na sombra da madrugada. São Profetas.

O rouxinol observa a noite com alegri. Conhece a luz que espalha na treva o seu cantar.

O môcho, pelo contrario, é o sabio, o pessimista. N'aquelles olhos redondos e amarelos ha o espanto de quem vê phantasmas e a sombra vã de tudo... O êrmo e o remoto choram nos seus cantos agoireiros, porque a sua inspiração é feita de presenças mortas...

LXXI. As aves e as flôres! Eis o que nos ficou da Edade de oiro. Os seus cantos e os seus perfumes são formas aladas, espectraes, de todo o jardim do Eden...

LXXII. Ha uma antiga rosa ver-

melha, aveludada, em cujo aroma está presente o mundo da minha infancia. Quantas vezes, o sinto desdobrar-se em paisagens, figuras humanas, gestos, vozes e alegrias!

Ó minha rosa eleita, quando te encontro nas manhãs de abril, incendida de côr, entre a verdura das folhas, o Anjo infantil que fui, estremece no seu pequenino tumulo entreaberto; acorda, e contempla-me sorrindo...

LXXIII. Portugal é a Paisagem e a Saudade.

LXXIV. Quando penso na morte, lembro-me do meu corpo e tenho pena d'ele, coitado! Na alma não penso eu, — o que ela mais dezeja é a morte.

A alma é cumplice da morte, ou serão a mesma pessoa?

LXXV. O homem é o unico animal que parece destacar-se das cousas. Tem relêvo proprio.

LXXVI. Morre-se de fome ou de fartura. Os Poetas morrem de fome lentamente; os Doidos morrem de fome súbita. Dos que morrem de fartura não vale a pena falar. Bem lhes basta o premio da morte sem o encargo da vida.

LXXVII. Eu faleço a todos os instantes, o meu desejo vae-se desfolhando em lembranças mortas, e a terra, em volta do meu sêr crepuscular, cobre-se de intimas folhas outomnaes; mas, de cada lembrança caída, evola-se um novo desejo, como as aleluias dos túmulos entreabertos, e o que era, em mim, phantastico, ilumina-se de presença viva.

LXXVIII. A vida é uma victoria constante. Cada minuto de vida é preciso arrancá-lo ás mãos da morte.

LXXIX. O Bem e o Mal existem na natureza moral do homem, que não é mais que a outra natureza trabalhada pelo tempo.

LXXX. N'este deserto do mundo, apenas ouço o marulhar da agua que mata a sêde! Sinto-lhe a frescura que a aproxima dos meus labios...

LXXXI. Oh, a visão integral da Vida! Bemditos os olhos que a tiverem!

A DOR E A CARICATURA

I. Uma dôr é um ritmo que se quebra, pondo tudo em sobresalto.

II. Por isso, as cousas se relacionam com a nossa dôr. A noite que ela traz ao coração inspira as aves agoureiras... A lagrima, scintilando em nossas palpebras, comunga a Natureza; e, cheia de quanto existe, deslisa-nos pela face...

III. A Dôr é um ritmo que se quebra, e o seu phantasma é caricatura.

IV. O que aparece, offende o *estabelecido*, o *adaptado*. O seu primeiro ges-

to é ironico e violento; desencadeia hostilidades.

V. O sol, quando nasce, acorda os ventos e todo ele é riso!

VI. E a dôr é a sombra que aparece, lançando a confusão cahotica, já rumorosa d'um novo cantico. Ela revolve e transfigura tudo. As suas mãos desvairadas moldam a materia universal... enchem o espaço de Phisionomias.

VII. Como a dôr, em seu humor sombrio, esculpe as cousas!

Ha outeiros que se erguem, á luz da lua, em plena tristeza da noss'alma...

VIII. A Creação é apenas um instante da minha melancolia. A fonte que me embala o somno, brotou da primeira lagrima que me trouxe aos olhos a visão do mundo... Dir-se-ha que o seu nocturno marulhar é essa primeira lagrima evaporada em som melancolico e monotono.

IX. Vivemos entre um mundo que se apaga e um outro que se esboça. A terra é nublosa e passageira debaixo dos nossos pés...

X. A Creação vem da dôr, e o seu vestuario é de riso.

XI. A noite pinta-se de sol, quando envelhece...

XII. Nós sômos o marmore sensivel onde a dôr esculpe a sua caricatura... Ela revê-se na nossa imagem... É o seu alivio...

XIII. A morte representa a obra suprema da dôr. A ultima lagrica altera comicamente as linhas da face cadaverica. O funereo clarão dos cirios sorri nos labios do defunto.

Oh, a ironia dos mortos!

XIV. O esqueleto é a pura forma caricatural; — todo ele scintila riso.

XV. A dôr, a morte e a caricatura, eis a Trindade, as tres pessoas phantasticas de Deus...

OS MEDOS

I. Noite morta de luar...

O mêdo esvoaça em torno de mim. As suas asas batem-me no rôsto que se apaga e parece derramar escuridão... Fico paralisado. Gélida palidez liquifaz-se em minha fronte. Eriçam-se-me os cabellos. Deante dos meus olhos, que recuam, negros de espanto, a paisagem define-se em vultos de apparições.

Vêde um homem a braços com o mêdo...

II. E que é o mêdo? É o Deus anterior aos Deuses... a ultima Força misteriosa...

Para fugir á sua sombra, Jéovah creou a luz.

III. O mêdo, quando nos empece, vem de longe; traz poeira da *via lactea* na tunica flutuante de sombras...

IV. O homem solitario canta, e o seu canto alumia; espalha os mêdos.

V. Deus criou a Luz; e o homem a canção. A luz protege Deus e a canção protege o homem.

VI. O primeiro mêdo foi o primeiro signal da consciencia.

A vida, encarando-se a si propria, n'um primeiro acto reflexo, concebeu a morte, e fez-se branca de terror.

VII. O homem é, para si mesmo, um sitio êrmo e nocturno, povoado de estranhas Aparições... Empalidece de mêdo, ao vêr-se perdido na sua noite...

Ele é *algem* que se ignora.

VIII. O mêdo leva a creatura nos braços para o túmulo. Mas por onde? Só ele o sabe!

IX. Todo o homem tem o seu mêdo que o dirige, a quem obedece.

O mêdo á morte faz o Heroe.

X. E' que é o remorso de viver, senão o mêdo á vida?

A bondade e a piedade são as duas faces d'deste mêdo.

Ser bom é viver a mêdo... é pedir desculpa de viver.

XI. O mêdo é a sombra do Descenhecido. A mulher, para ser amada, veste-se de misterio. O mêdo é tambem o amôr.

XII. As arvores tremem de frio, deixando cair as folhas; paralisa-se-lhes a seiva nos negros troncos solitarios...

É o mêdo de florescer?

XIII. Do ultimo raio de sol-pôr nascem as sombras da noite, que o mêdo popular anima. E é certo que elas vivem!... Algumas são um encanto de tristeza! Representam, ao luar, o seu misterioso drama. Ha gestos de nevoa, vozes de penumbra, na solidão...

Vagos mythos afloram, com as estrelas, no ceu da minha aldeia...

XIV. Meia noite. Ouço cantar lá fóra. A voz humana toma um alto relêvo no silencio nocturno... É uma voz turbada... Sente-se que paira entre o homem e o seu Receio...

XV. Oh, a canção perdida na noite! Parece o espectro d'uma voz! Dir-se-ha que surgiu, na sombra, por milagre! Faz mêdo a quem a ouve... o mêdo que ela deseja afastar de quem a canta...

XVI. E eu vejo a minha alma, afflicta, rodeada de mêdos que lhe falam... Vejo a sua trémula palidez á luz da lua

nova, e o seu aspecto desgrenhado perante o misterio e a dôr.

XVII. O mêdo reina ainda sobre os homens e os Deuses. O seu espectro levanta-se no espaço e as estrelas cabem dentro da sua mão, que risca, ao longo da vida, a orbita dos Destinos.

XVIII. Ó medo eleito da minh'alma, intima sombra que me empeces, noite que surge, em mim, para eu cantar, não direi o teu nome; tenho mêdo...

Baixarás comigo ao tumulo envolto no teu silencio virgem...

Á SOMBRA DO MEU BERÇO

I. Quando abandono o meu retiro de aldeia, ao regressar ali, encontro, em tudo, um ar poeirento de quem já não esperava a minha vinda. No meu quarto, as aranhas urdem as suas teias, confiantes n'uma posse perpetua do logar, e as ervas crescem, no jardim, como se meus pés não voltassem a trilhar aquela terra.

II. E apezar d'isso, como eu te amo, velha casa onde nasci! A tua figura de pedra e de melancolia, sentada á sombra das arvores, profundamente me comove... Ha dialogos misteriosos entre nós... porque a minha lembrança te reveste e anima.

Atravez d'ela, tu *és alguem*.

III. Desejaria viver eternamente debruçado na tua janela aberta sobre o Tamega e o Marão!

A Eternidade absôrta e contemplativa, o alheamento sem fim, quem o pudéra viver!

IV. Quando me encontro n'esta velha casa, no meio d'esta paisagem materna, o que ha de banal no meu sêr desapparece; visto a infinita seriedade das cousas que mostram o vulto escuro ao doirado riso do sol.

V. E ali me empecem as almas das creaturas que eu amei... Convivo, que delicia, com phantasmas! E em volta de mim, se desenrola, em sonho e nevoa, o scenario da minha infancia... E n'ele represento a antiga inocencia. Vejo a interrogação em que tudo se esboça á luz d'uns olhos infantis... e canto!

VI. Ó velha casa, depois da minha morte, vaguearei nos teus corredôres,

nas tuas salas, quando a sombra e o silencio invadem tudo...

Debruçar-me-hei nas tuas janelas, abertas sem ruido, vendo o luar de que sou feito, confundir-se com o luar encoberto das horas mortas. Vaguearei no teu jardim; e, entre as sombras das arvores, serei uma sombra a mais...

VII. Quem andar, de noite, por ali, encontrará o meu espectro meditativo, a erguer-se das cousas que eu amei durante a vida, porque foi sob a sua influencia que a minha infancia, flôr do êrmo, desabrochou.

VIII. Sim; hei-de empecer aos viandantes; o meu gesto povoará de mêdos o ar nocturno... o meu phantasma será a minha passada Inspiração...

Vestir-me-hei da sua beleza para empecer depois de morto...

IX. Quando esta apparencia afflicta fôr serena apparição, viverei, n'estes

sitios adorados, sem que os macule a minha sombra.

A luz do sol passará por mim, sem me tocar...

Só a lua da meia noite reconhecerá meu sêr phantastico; será o marmore da minha figura esculpida pela morte.

UM PENSAMENTO LATINO

I. A palavra é o som em flôr, ébrio de alma, a chorar e a rir; — o colorido, a forma viva do espirito.

II. Como a palavra de beleza perfuma a vida!

III. Entre os variados sons da Natura, a palavra é Divindade. Algumas curam os cegos de nascença, resuscitam os mortos, fazem parar o sol.

IV. Todas as vozes encontram na palavra a sua eleita, divina sintese.

O ruido converteu-se em oração.

V. Ha palavras velhinhas que arrastam pelos dicionarios o pobre corpo inanimado... Ha outras, novas ainda, já delidas, que perderam a côr e o viço nos maus poetas. Vêde, n'um verso banal, a palavra Saudade!

Como ela se torna vulgar e apagada! Que palidez mortal! Sente-se que soffre!

VI. Mas a palavra sincera é a luz e o alvorôço do homem, o signal de que n'ele vive *alguem*.

VII. O homem silencioso lembra um lar extincto, escuro de sons arrefecidos. A sua propria sombra é composta do seu silencio, e desenha, temerosa, a face do Enigma...

VIII. Como a Palavra, mãe da Luz, tem sido caluniada! Toda a gente a considera d'um metal inferior ao do silencio.

É o nosso pessimismo ousando atingir o Verbo!

IX. A palavra não mente. Revela a creação da alma; é a sombra exterior e viva d'uma intima figura, o seu prolongamento em harmonia.

A palavra é divina; e está, por isso, ao lado da Verdade. Se lhe escondemos no seio qualquer mentira, muda logo de intoação e toca a moeda falsa.

X. Por mais que eu fale de outras pessoas, de viagens, das arvores do meu pomar, etc., em ultima analise, o assunto da minha conversa é o meu proprio sêr.

O fim da creatura, sendo ela uma creação sucessiva, é revelar-se constantemente, por meio dos seus actos, dôres e alegrias...

Mas o Verbo trabalha e modela o homem á luz do sol e á luz de todos os olhos.

XI. A palavra é a luz do homem, brilhando sobre as cousas que estremecem e respondem ao nosso sobresalto...

XII. Quando sósinho falo, em voz alta, vejo, em tudo, meu proprio sêr que me contempla...

XIII. Quem fala pelos meus labios não é quem ouve pelos meus ouvidos...
A misteriosa turba que nós sômos!

XIV. Cada palavra percorre o Infinito, levando a nossa imagem autentica.
Deus, por intermedio d'ela, nos conhece.

XV. Homens, falae! Como é bela a expressão da creatura em tintas de harmonia! A sua fronte, os seus olhos, o seu riso, as suas lagrimas, enchem-lhe a voz de formas e de côres...

XVI. A palavra é um retrato feito a sons.

XVII. O homem quando fala, res-

plandece e vive; mas o homem silencioso transforma-se em ausencia; causa mêdo como se fôra um espectro.

XVIII. O silencio é o verbo demoniaco.

DA MINHA JANELA

I. Abro os olhos tôrvos de somno ainda. A penumbra do meu quarto (ultimos vestigios da noite) vae-se escapando pelas friestas de oiro. Em volta de mim as cousas familiares reconquistam suavemente a perdida fisionomia. Espreitam-me atravez da claridade indecisa. Algumas envelheceram... Ás suas tintas desbotadas comparo as minhas primeiras brancas. Outras conservam a sua antiga velhice inalteravel. O seu vulto ergue-se como que além do Tempo, esculpido em silencio e indiferença...

II. Levanto-me do leito. Abro a janela. Uma onda de sol penetra no meu

quarto; eu e ele sorrimos... Lá fóra, os passarinhos cantam a sua alegria ingenua. As seivas reanimam-se nos velhos caules, e as folhas amarelas do outomno vagamente reverdecem. O vento define e azula os diáfanos longes montanhosos, florescidos de sol... Ha uma ilusão de primavera na paisagem. Sente-se que ela sonha...

III. Vi passar, agora mesmo, a Silvana, tangendo os bois submissos, humildes, sob o influxo d'aqueles olhos que parecem duas grandes gotas de orvalho, igneas de riso!

IV. A pequena distancia, eleva-se o fumo d'um lar, desenhando, sobre o telhado escuro, o phantasma aéreo da casa.

Perto de ali, a meio da colina, onde raros pinheiros mostram o vulto denegrido, Silvana guarda os bois. Como ela vive, e transmite a sua vida áquele pequeno êrmo!

Oh, a presença da Infancia!

V. Conheço-a desde os seus primeiros tempos. A mulher desabrochou, quasi de repente, n'aqele corpo de creança. A mulher, não: a aparencia da mulher.

A côr da sua fronte, a luz dos seus olhos, é puramente animal, sem sombras de alma...

Por isso, tem a sua fisionomia um ar de crueldade que a afasta de nós,que a torna intangivel á nossa ternura...

Se algum rapaz lhe fala, responde, sem saber, com um sorriso encantador que desespera, porque é longinquo e para todos, como a luz das estrelas... Ao pronunciar qualquer palavra, percebemos que ela se dirige a nós, indiferentemente, por acaso... É um canto de ave.

Mas a sua indiferença resulta, segundo creio, do seu exterior aspecto; é uma atitude da sua figura, onde as linhas, as formas e as côres se conjugam para crear a beleza que, de impecavel e remota, nos offende.

O irmão mais novo morreu-lhe o anno passado. Eu vi a grande dôr que a afli-

giu. Vi-a junto do pequenino morto. O encanto da sua face transparecia mais vivo e lucido atravez das lagrimas... Eram lagrimas de inundação... Dir-se-hiam tombadas do alto e não saídas de intima nuvem dolorosa...

Lembro-me bem d'esse aborrecido momento, do pequeno cadaver sobre um pobresinho leito que um horrivel grupo de velhas (as bruxas do logar, talvez) rodeava, espalhando o mau agoiro da fealdade, a tragica fealdade envelhecida surgindo á luz dos cirios...

Um ar cinzento penetrava pelos postigos entre-abertos e tornava-se livido na penumbra interior. Uma gota de chuva caía, de quando em quando, no soalho sujo de pégadas lamacentas. E o seu humido murmurio de ruina casava-se com os soluços de Silvana aflicta dentro da sua indiferença...

Sobre o tenro corpo da creança arrefecido, inerte, pairava uma atmosfera tôrva de inverno. Nos seus labios roxos aflorava um sorriso de outra vida, lon-

ginquo, sem destino, e em suas mãosinhas de cêra, via-se o terrivel desapêgo a tudo...

Mas não posso esquecer a imagem dolorosa da Irmã! Que estranho encanto o da sua fisionomia, depois de lavada pelas lagrimas! A agua avíva as côres...

O seu coração vive e sente, afinal... De que serve?... A vida morre-lhe á superficie do rôsto; ali se condensa e arrefece em formosura de Deusa, fóra do nosso alcance...

E assim, a tua beleza, Silvana, vae alongando o êrmo em que apascentas os bois... porque tu metes mêdo!

Amar-te, seria amar aquele impossivel de que fala a cantiga do Povo:

Quem adora o impossivel
Que esperança pode ter?
Vive n'uma saudade,
Gosa pena até morrer.

E, ai de ti, tambem, se um dia amares! Teu coração ha-de querer aproxi-

mar o que a tua presença, inatingivel, incapaz de ser possuida, afastará...

Morrerás da tua beleza!

VI. Eis o que eu pensava, debruçado na minha janela, com os olhos no vulto distante da Silvana, e nos altos pïncaros do Marão, que formam trechos de paisagem lunar,onde apenas vagueamos em saudade...

VII. Quando contemplo esta Paisagem, pelo outomno, não sei que tristeza me anoitece...

VIII. As cousas que cercam a minha alma, são a areia do meu deserto, a materia do êrmo em que vivo.

IX. Eu choro sobre a indiferença das cousas...

a morte em que elas jazem, paira ainda a sombra da remota vida que viveram.. sombra que se projecta em meu espirito, e é o seu habito de melancolia.

X. Vós sois as ruinas do Passado! Ha fraguedos que lembram restos de templos, altares cheios de musgo, estatuas de ignotos deuses carcomidas.

XI. Todo o sitio êrmo é legendario. O seu silencio é feito de vozes mortas.

Ali divaga a Tradição, a mulher phantastica, irmã da Musa que me inspira. Em mim, o seu gesto é vivo e aponta para o Futuro.

XII. E vejo a curva dos outeiros, desenhando esqueletos de antigos mares... Nas suas formas resequidas palpita ainda o ritmo da onda.

XIII. Velhinhas cousas do principio do mundo, extintas lampadas manando sombra e silencio, refugiou-se nos meus olhos a vossa antiga luz... Ali scintila a sua ultima esperança; ali, nos meus olhos, a luz primordial é um luar saudoso, banhando as cousas que imaginam resurgir...

XIV. Velhinhas formas da Natureza, encarquilhadas, pétreas faces que antigas lagrimas modelaram...

Rochedos, vales, outeiros, serranias, sois negras ruinas do antigo astro architetado em labarêdas.

XV. Em tudo paira a noite, o arrefecimento... E o meu verbo, ó pobre mundo, misera estrela apagada! é um pouco da tua gélida cinza que eu espalho n'este ar mortuario e surdo.

XVI. Sempre que abro os olhos, vejo o berço natal da sua luz e o tumulo das suas lagrimas.

XVII. Como se lembra ainda o meu coração do seu antigo estado acêzo, radiando vida! Se ele pudesse trocar a lagrima que é pelo raio a arder que foi?

XVIII. Mas o proprio Amôr é sombra... Tudo, n'este mundo, provem d'uma luz que se apagou... Por isso, eu vi na

Sombra a essencia das cousas, a luz da vida, — a alma!

XIX. A Sombra é o genio do meu lar, o meu *demonio,* a Voz... Gira nas minhas veias com o sangue, turva a lividez dos êrmos, floresce as arvores no abril.

Eu penso, e sinto atravez d'ela, porque nasci com este poder de morte que me inspira e permite ver, ainda em vida, o meu phantasma, divagando no Além...

XX. Ó cousas, frios destroços d'um grande incendio extinto! Tendes signaes de fumo, nodoas de pecado... Como eu vos amo na vossa humilde escuridade, expiando ignota pena...

XXI. Quando me perco, á luz da lua, na sombra d'um pinhal, comparo a noite e o silencio do mundo com o seu estado angelico de estrela.

E as duas Imagens encontram-se no meu espirito; — uma, sorrindo aurora, coroada de lirios e rosas; a outra, de olhos

descarnados, chorando lagrimas de treva.

A Virgem na flôr da edade e o Esqueleto representam, no meu sêr, um misterioso drama...

XXII. Tôrvo de vagos pensamentos, enevoado como o vale do Tamega pelas noites de inverno, abandono a janela; mas a voz amanhecente de Maria, que se dirige, em alvorôço, ao meu quarto, dissipa o nevoeiro que me encobre. A sua presença de creança esculpe a minha figura em novas formas de alegria. Revivo, torno-me infantil como ela. Faz sol dentro de casa. Esta intima velhice de alma perde as rugas e as brancas... Foge-me o pensamento... Sou apenas instincto, expontanea iluminação espiritual.

Vejo Deus pelos teus olhos, Maria, e beijo a Deus na tua face...

O DEMONIO

I. O Demonio existe. Quem não vê em tudo o seu perfil?

II. As raizes das arvores lembram as garras de Satan voltadas para o Inferno.

O rio mais idilico, de vez em quando, empalidece, como que pára turbado e intimamente enegrecido...

O proprio sol, no seu mais vivo esplendor, diz palavras más ao nosso sangue; injecta-lhe tenebrosos filtros.

A flôr é irmã do crime.

III. E o sorriso da Treva? E a ironia diabolica das cousas, nascendo, por

contraste, da nossa dôr? E o que ha de castigo, de pena infligida na rocha bruta?

O Demonio existe...

IV. Nas minhas horas de meditação, em que o meu sêr se transcendentalisa, e comove, e é mais um queixume de reza que uma presença esphingica a si mesma devorando-se, — vejo, em toda a parte, vagas phisionomias de Demonios, espiando a minha sombra que lhes sorri...

V. Ha outros momentos em que a minha alma, alumiando-se, imagina alumiar... e descobre, n'um delirio de encanto, perfis angelicos de luz, brancas tremuras de azas, floridos longes paradisiacos... Todo o céu a entreabrir-se...

VI. Nas horas vulgares, adoro o pôr do sol, a noite, o luar, os vales e os pinhaes; sou tambem uma face do Demonio, e um amor fraterno me prende a tudo.

VII. Tambem te amo, Satan! Tu és um Deus de luto, um Deus que soffre... As tuas azas, quando se abrem, forram de negro o céu, e as tuas lagrimas acezas férem a escuridão que sangra lume.

VIII. Ó êrmas cousas da Natura, expressões demoniacas da Vida, quem vos ama verdadeiramente não sou eu: — é a minha sombra em lucta com o meu espirito!

IX. E vós, sombras da noite, bailae com o meu phantasma, á luz da lua!

Ele vive, em mim, monologando, prêso da tua imagem, Ofelia!

Mas as suas palavras morrem-me nos labios; são como reticencias de silencio separando as outras, — as que têm relêvo e som.

X. Ó minha pobre sombra, como te casas com a terra, emquanto a luz dos meus olhos, luminoso anceio de alma, foge para os astros...

E fico a hesitar entre a minha sombra e a minha alma!

Isso que é, em meu sêr, fragilidade, contingencia, dôr, seduz-me!

Eu adoro a mulher em mim proprio.

XI. O que passou, o que ha-de vir, eis a materia, o corpo da Saudade.

O *eterno* compõe-se de cousas transitorias.

XII. A Presença torna-se Ausencia a fim de conquistar a Eternidade. Por isso, o homem se esconde de si mesmo. Repugna-lhe o estar presente, isto é, o ser mortal.

XIII. ...ausencia da creatura
Mas presença de Deus...

(As Sombras).

. . . . . .

Sim: Deus é a Ausencia infinita e Satan a infinita Presença.

Eis porque amo tambem o Demonio.

Amo-o nas nuvens, nas arvores, nas flôres, na terra e no meu corpo...

Que serei eu? Talvez uma ruga da sua fronte. E o sol? Talvez um riso dos seus labios.

XIV. A Deus só pertence o meu phantasma.

Vivo n'ele em saudade.

DA PRESENÇA

I. Ter atitude, saber estar, eis a questão.

II. Trata-se da presença do homem, a qual principia no seu mais vago pensamento e finda na extremidade mais vaga da sua sombra.

III. O homem de hoje lembra uma estatua mutilada. A presença, definhando, substitue-se pela ausencia... e o planeta despovoa-se!

IV. Impõe-se a cultura da presença. O homem precisa de saber olhar,

antes de tudo, para a sua sombra. Atravez d'ela, alcançará o seu espirito.

V. Já viram o concilio dos Deuses, de Phidias? O que faz a divindade d'aquelas Figuras é a sua atitude, o saber estar...

Em Jupiter, Venus, Apolo, Minerva, ha um ar de quem comungou a sua sombra.

E *este ar* é o sobrenatural que os envolve, o divino esplendor que os transfigura...

VI. A presença tem uma face proxima e quotidiana que a luz do sol define, e outra remota, intermitente, que nos aparece com o delirio e abrange tudo.

VII. A presença multiplica-se ainda em outras faces mais vagas, que, ora se occultam, ora surgem, veladas de misterio...

Mas a sua intima fisionomia conser-

va-se inalteravel, atravez das suas passageiras projecções no mundo.

VIII. O homem não *vive* no mesmo logar em que *existe*... Olhae a máscara humana... Percebe-se que ela esconde um rôsto indeciso e longinquo.

IX. A ideia da presença está ligada á ideia de cousa ou sêr presente.

Todavia, eu concebo a presença pura, abstracta, liberta!

A saudade que eu deixar, será a minha presença verdadeira. Eu e tudo o que eu amo seremos, n'ela, uma só creatura.

E a Saudade não morre, porque é feita da essencia da Morte.

X. Quantas presenças abstratas me rodeiam!

Vivo na sua companhia. Ás vezes, surpreendo-me a falar com elas.

Sou o lunatico a falar só...

As minhas palavras, pairando na solidão, revelam encontros de almas que se ignoram e procuram, desde o Principio, talvez...

Religiosos momentos!

O MEU PHANTASMA

I E então, em alta voz,
Puz-me a chamar por mim, que estava a sós.

(*Sempre* — 1a. edição)

O fim da vida material é perpetuar-se espiritualmente.

Ser imagem liberta! Vêde o sonho das cousas prisioneiras!

II. A creatura ama e soffre, com o fim de crear a sua *presença de saudade* que a integre definitivamente na Vida, e lhe dê um logar no Reino Espiritual.

III. Ó Sirius, como te consomes no

teu desejo acêso, ha biliões de seculos, sempre á espera d'uma lagrima onde, reflectida, resurjas para a dôr e para o amôr!

IV. E nos meus olhos, ó sol, a carne viva da tua luz, fez-se visionaria sombra.

O meu olhar é o teu espectro desenhado a lagrimas... Creaste, em mim, o teu phantasma... a tua claridade sempiterna.

V. Tambem eu me consumo a crear o meu phantasma.

Antevejo, ao luar, divagando entre sepulcros, minha presença palida de sombra.

VI. Ó meu espectro de amanhã, em ti, eu já sou morte! E sinto, sob os meus pés de nevoa, a ilusão do Outro-Mundo...

VII. Entre o meu sêr e o sol medeia já o meu esqueleto, fazendo o grande eclipse.

VIII. O esqueleto é luar petrificado. Appoia-se o nosso corpo na infinita tristeza cósmica. É ela que o sustenta de pé, á luz do dia, e lhe transmite o divino alheamento, a abstracção, este contacto somnambulo com Deus.

IX. Um brando musgo sensivel cobre a eterna fraga que nós somos.

As *cousas* mascáram-se de *pessoa*, de vez em quando. As mais discretas vestem-se de arvore, nas solidões...

X. Eu conheço a creatura. A sua máscara não me ilude.

Ai dos olhos do Amôr! Só eles podem vêr a Indiferença! a intimidade morta de quanto vive, — o esqueleto!

XI. Este meu phantasma que, em vida, vou creando, fala em segredo com as cousas... Elas sentem a sua dureza de alma embrandecer e exteriorisar-se em formas lampejantes de visão. E pelos olhos da minha sombra vejo seus vultos

espectraes confundindo-se commigo, multiplicando-me em vagas presenças que me falam, e onde *eu sou* verdadeiramente...

O homem vive além de si...

XII. Ó meu espectro, meu corpo verdadeiro, quantas vezes me abandonas para que eu fique, a sós, commigo, e seja, para mim proprio, uma simples lembrança.

XIII. Mas esta lembrança, nevoa morta do crepusculo, abrasa-se de aurora... é já esperança.

E o meu phantasma, regressa, de novo, a mim. Toda a minha fragilidade se esconde no teu sêr eterno. Eu sou tu, isto é: sou eu, sou eu!

XIV. O homem *só está presente e vivo* nas lagrimas que manam da sua ausencia.

A dôr e o amôr são a carne e o sangue do seu corpo phantastico e divino, que aparece deante de Deus.

XV. Quem se lembra, — existe; mas quem é lembrado, — vive.

XVI. Ó meu phantasma, como a tua presença de morte me dá vida!

Quando o teu vulto de ilusão se abraça ao meu, e todo me integro n'essa penumbra de que és feito, — eu sou Alguem... Vivo mais do que existo. Ouço e vejo fóra dos sentidos... Meu sonho é a alma do Universo. As estrelas brilham áquem dos meus olhos... no fundo escuro do Passado... A minha sombra é elevação de espirito, envolvendo-me, e desenhando o meu perfil á luz d'um outro sol...

EURIDICE E ORFEU

I. A luz dos olhos devora tudo. Ser visto é quasi morrer.

II. Ai do pensamento que se mostra definido! Torna-se esteril e mesquinho...

Definitivo quer dizer esqueleto.

III. Mas a nublosa inspiração mergulha-nos n'uma atmosphera de milagre, onde se esboçam novos mundos... Eis a materia de novas creações.

IV. A luz da alma odeia a luz dos olhos. E esta inimizade é a essencia tragica da vida, — a dôr!

V. Virgilio, o nosso grande Antepassado, o espirito *moderno* da Antiguidade, cantou a lenda sublime de Euridice e Orfeu, esse eterno conflicto cósmico entre a alma e o corpo.

VI. A maravilhosa figura em que se vae condensando etéreamente o som divino da Lira, mal atinge a definida Fórma eleita, de subito, se desfaz em névoa: desaparece!

Ai de ti, Orfeu! Tentaste vêr o que não é para ser visto!

VII. Virgilio atribue o papel dramatico a Orfeu. Para mim, é maior a angustia de Euridice, quando, sob os olhos do amante, se esváe, de novo, em sombra pálida.

Vêde-a no momento em que a luz da consciencia se lhe substitue á insensivel noite que fôra, e o seu primeiro olhar de aleluia se dirige ao Vulto amado que a chamou...

Vêde-a, limpa de toda a sombra mor-

tal, envolta em canticos de amôr, já a caminho da Terra.

E vêde-a, sob o primeiro olhar inesperado de Orfeu, amortecer, sumir-se, para sempre, na plutonica penumbra!

Não sentis a angustia suprêma de Euridice, morta de haver sido vista pelo seu proprio amôr, ou, de o ter visto?!

Para a luz resurgida de seus olhos, talvez Orfeu apenas fôsse uma simples apparencia, mostrando todo o engano e sonho vão de que era feita.

VIII. O desencanto de Euridice foi o desencanto absoluto. Revelou-lhe que a vida é ainda menos do que a morte!

Orfeu, contemplando-a, despiu, deante d'ela, a amorosa canção que o disfarçava em Divindade. Apresentou-se em pobre corpo carnal, mais transitorio que os phantasmas.

IX. Na tradição virgiliana, a dôr verdadeira encarnou em Orfeu.

Euridice não é mais que uma som-

bra, um fumo de remota visão desfeita, sem entranhas para o soffrimento. Ela é o sonho, emfim, — essa realidade em que o homem, simples figura imaginaria, não pode acreditar.

X. Mas atravez da nossa alma lusiada, Euridice é a *Lembrança* e o *Desejo* é Orfeu...

O Desejo, incidindo sobre a Lembrança, dá-lhe presença animada, ergue, em alto relêvo colorido, o seu ilusorio vulto de sombra... A imagem espiritual como que abandona o Reino da Memoria, a fim de voltar a ser, com mais vida e beleza, o antigo corpo que a projectou.

XI. Esta antiga tragedia mitologica, transfundida para o sangue d'uma Raça, idealizou-se, isto é, humanisou-se, provocando o advento redemptôr da Virgem Lusiada, — a Saudade.

XII. A Saudade é Euridice e Orfeu,

vivos um para o outro, presos n'um abraço eterno, á luz do sol!

XIII. Mas, ai de mim! Eu vejo ainda, na minha alma, Euridice de luto, e vejo Orfeu crucificado no silencio em cruz da sua Lira.

O CORPO HUMANO

I. As linhas do pé descalço parecem desenhar toda a nossa fragilidade.
O andar é uma hesitação que se desloca.
Percebe-se a obra indecisa...

II. O homem é a tentativa d'um outro sêr, longinquamente realisado, em outros mundos, talvez...

III. As linhas da mão desenham a garra que se disfarça, retraída do fogo que roubou.
A fronte é um pequeno espaço principiado para não ter fim...

O nosso olhar não é luz: é uma sombra que imagina vêr.

IV. Nas orbitas da caveira paira ainda, em nevoa morta, a visão do Paraiso, que aflora, de quando em quando, aos olhos da creatura, e é o centro maguado em volta do qual se formam e arredondam as nossas lagrimas anónimas.

V. Mas no riso da bocca descarnada, está presente ainda o pensamento ironico de Jéovah, creando a sua caricatura. Este pensamento ironico abrange todo o esqueleto; e, se é um riso franco nos ossos da bocca, é um longo sorriso atravez da espinha dorsal, lançada maliciosamente na direcção dos astros.

VI. Oh, a visão da caveira! Como ela surge nas fisionomias, mostrando o espaço que nos separa do sepulcro!

Mas o rosto d'uma virgem na flôr da edade? Que florescentes fórmas translucidas de sangue vivo! Que tenra pele

vicejando alegria e côr! Parece que a ilumina o sol, por dentro...

Tanta beleza e vida pódem lá esconder uma caveira!

Na verdade, o esqueleto aparece com os annos. As dôres, envelhecendo, vão formando, em nós, a tragica dureza intima dos ossos... O corpo, ao presentir a morte proxima, defende-se d'ela, empedernindo, fixando-se em materia bruta, incorruptivel.

VII. Ó pobre corpo humano, mísero esqueleto de sarcasmo, sob o doloroso disfarce da carne, essa ilusão tombada da luz do sol!

VIII. A alma, emquanto vive humanamente, em nosso corpo, não ignora o duro riso que a cerca...

E isto a offende, e lhe dá um ar altivo quando se dirige a Deus.

IX. O riso é a origem de tudo. Ful-

gura no intimo das cousas, lampeja no silencio, orvalha de fogo a sombra.

X. Ó riso, como tu amas a palavra e a mordes, para que ela scintile e queime!

XI. A ironia de Jéovah ficou na sua obra...

O homem tambem ri, porque n'ele se revela a divina ascendencia, o poder creadôr.

XII. Eu vejo a dôr e a noite mordidas de estrelas e de risos...

A estrela, por fim, devora a sombra nocturna, e o riso consome a dôr, infiltrando-se nas lagrimas que se evaporam.

XIII. Se a dôr é carne, o riso é esqueleto.

A Dôr é a imagem do Riso, o habito que ele despe, quando se vae deitar no tumulo.

XIV. Ó riso, origem de tudo! Riso que soou nos ouvidos do Apostolo, em divino som articulado, misterioso Verbo.

XV. E tu, Platão, bem o sentiste caír nos teus ouvidos, do infinito silencio astral.

A musica das Esferas, o etéreo Sorriso...

XVI. E tu, ó tragico Poeta, o ouviste tambem na ilha de Patmos, todo vestido de trevas e relampagos!

Era o riso terramoto do Fim, acêso em sete ironias!

XVII. Dante contemplou do Inferno a tua silhueta virgem, riscada, na sombra, pelo divino anceio dos seus olhos...

XVIII. E tu, Moysés, cingiste com ele a fronte nublosa, que subitamente se abrazou nos altos do Sinai!

Foi o riso do Genesis, o silvo da Serpente, a luz da Tentação!

XIX. Rir, para Deus, é crear.

As estrelas são igneas gotas do seu riso; Jesus foi a sua lagrima primeira.

Á alegria creadôra, infernal, sucedeu a tristeza que redime...

XX. Ó riso! Essencia de tudo! Intimo fogo devorador e creador! A seiva e o sangue!

DÉSIR

I. Uma gota de fogo astral insinuou-se-me no sangue; corre nas minhas veias; morde-me a alma. Resplandeço.

II. A alegria é um vinho embriagante... Mas, ai! nem cobre o fundo do meu copo...

III. Uma lagrima do homem apaga o sol de Deus...

IV. Vivo no meio de phantasmas... Nevoas que sobem do meu sangue...

V. E eu quero a esperança, deante mim, como uma estatua. Quero beijá-la e

suffocá-la nos meus braços! Matando-a, verei então que ela existia.

VI. Quero sentir a dôr até ao mais profundo das lagrimas — que ha lagrimas sem fundo... São as lagrimas do desejo insatisfeito, o immortal Desejo!

VII. Quero sentir o prazer que se enraiza na carne, e enleia nos ossos, e desagrega o esqueleto; o prazer verdadeiro; — aquele que nos rouba ao mundo para nos entregar em phantasma!

VIII. Quero viver a Vida na Morte; beijá-las num só beijo.

IX. Eu quero verdadeiramente existir e viver... Que a minha sombra seja de pedra e ocupe um espaço vedado... Que o meu espirito seja nuvem chimérica, infinita, abrangendo, conhecendo, alumiando tudo, mas intangivel, a fim de que nada e ninguem o possa possuir!

X. Quero ser o Animal representando, perante Deus e o Homem, essa tragi-comedia, — o Espírito.

XI. Quero viver, isto é: tomar a Realidade nas mãos, e desfazê-la em sonho!

XII. Onde o mundo acaba, é que tu principias, meu desejo!

És infinito e frágil, ao mesmo tempo.

Como o relampago, rasgas o céu de lado a lado para logo te apagáres!

Das sete partidas do mundo, que trouxeste?

O mundo crucificado no coração.

XIII. Ó fatídico desejo! Amôr e lealdade! Fome de Heroísmo, que findaste mordendo a poeira, já ensanguentada do teu sangue!

Ó desejo-fatalidade, força que nos leva atravez de precipicios e de noites, e é o nosso proprio sêr obedecendo cégamente á ignea essencia que o trabalha,

para que ele revele o seu vulto sepulcral de cinza e fumo.

Ó desejo, profundo abysmo onde agonisam traiçoeiras ambições, mentidas esperanças, negras azas fulminadas! Turbilhão de sombra e fogo que me arrastas para o amôr e para a morte! Faúla que subiu do Inferno, e foi cravar-se no Céu; e ali brilha ao lado das estrelas! Com os seus raios aquece-nos o sangue tumultuoso que se evapora, e nos turba a luz dos olhos.

E vêmos a noite infinita povoada de apparições, — o nosso proprio desejo disperso em humanas formas de beleza.

E o homem corre, perseguindo-as; corre o céu e a terra; e tomba desfalecido...

XIV. Ó tarde d'Alfarrobeira! Uivos da Ingratidão! Setas hervadas de odio, zunindo n'um ar já livido d'uma grande esperança morta.

Oh, a palidez do Infante no meio do tumulto!

E a grande sombra do Conde, leão abrazado de amor, rugindo coleras divinas, matando, trucidando! E o seu ultimo grito de alma, eterno sol de desespero no luctuoso céu da Pátria!

Ó campo de batalha, depois da refréga! Mudo pesadêllo de gemidos! Terra lavrada a ferro e fogo! Corpo sangrento de mulher!

XV. Que foi a minha vida? Um facho que acendi, nas trevas, para ver a morte.

XVI. Ó Destino, misterioso Numen concebido á nossa imagem, creatura do Desejo...

O OUTOMNO

I. Despem-se as arvores da sua carne de verdura, e o seu vulto esqueletico, ás horas do poente, sangra crucificado no crepusculo.

No oiro das folhas mortas, no rôxo dos êrmos longes, adivinha-se a mão nublosa que os pintou, porque ela aperta-nos o coração no peito. É a mão da Tristeza que é a propria Morte em sombra de ternura, a morte beijando-nos na face....

II. O outomno é belo para o homem, porque o faz antegosar a Morte, e acorda em nós o phantasma adormecido, o Anjo remoto em que se transmuda a creatura depois do ultimo suspiro.

III. Todos nós, pelo outomno, sômos esse Anjo, d'algum modo... E é, por isso, que os sentidos adquirem estranhas virtudes, sob o primeiro sôpro do nordeste e a primeira nevoa escura... Ouvimos e vêmos mais além, e a luz do nosso olhar, habituada apenas ao contacto das cousas materiaes, parece dar forma e relevo a Figuras que viviam dispersas em brumas de melancolia...

IV. Se a penumbra outomnal aviva a nossa tristeza, torna-a distante de nós, como que a recebe em seu nubloso seio morto...

A realidade humana emigra para o reino da Chimera, e sentimos a nossa presença de carne e osso, esbater-se divinamente em nevoa e sonho...

V. O outomno é belo, porque nos provoca uma fúga da alma sobre as cousas, isto é, sobre o Passado. E o homem adora tudo o que o afasta de si mesmo. Elle gosta de se contemplar atravez da

Saudade, — essa distancia espiritual que dá perspectiva eterna ao seu fragil sêr transitorio.

VI. Ah, se a morte fôsse a infinita lembrança da Vida?!

Não será o Reino da Saudade o espaço misterioso que medeia entre este mundo e o outro mundo?! E a saudade que deixamos ao partir, não irá formar o corpo do nosso espectro? a luz da sua consciencia e dos seus olhos?

Ai dos mortos esquecidos! São apenas esqueletos...

VII. O outomno é belo para o homem, porque ele já foi arvore, e lembra ainda a delicia do adormecer, quando a seiva pára arrefecida, e a sensação do mundo externo, tomba, com as folhas, das ramagens.

A PRIMAVERA E O MOCHO

I. O homem tambem adora a primavera, esse belo sorriso das cousas,—essa ironia angelica da luz, incidindo sobre a sua intima tragedia.

II. A primavera não interroga a dôr humana, como o outomno;—põe á sua frente, a sorrir, um luminoso ponto de interrogação com reticencias de flôres...

III. Ha, todavia, quem não ame o gracejar, e carregue o sobrôlho desconfiado ante a propria graça d'um Anjo.

IV. Eu amo a primavera, porque n'ela está presente a nossa infancia.

Quando vejo uma rosa vermelha, sinto-me infantil; a creança que fui, espreita-a pelos meus olhos.

V. Ó primavera! Ó Virgem! Sombra de Astreia que incendeias de flôres toda a terra!

Tu és a antiga alegria do homem, a edenica alegria, que, na hora da Queda, fugiu da sua alma para a alma das arvores e das fontes.

Tu és a antiga alegria do homem, que o sol lhe mostra, gritando, ao rasgar as nuvens invernosas: «Não a esqueças! Vive da sua lembrança que a tornarás a possuir!...»

VI. No mez de abril, quando a aurora pinta a primeira verdura e molda as primeiras pétalas, fico assombrado ao vêr quanta delicadeza, quanto viçoso mimo a áspera terra esconde!

VII. A primavera enche o meu copo de alegria. Embriaga-me os sentidos.

Como o Deus Baccho, do alto d'um rochedo, canto a infancia das cousas.

Deu-me Apolo a corda outomnal da sua Lira; mas a esperança é a minha Musa... Que me importa que ela apareça quasi sempre vestida de sombra e de silencio? Sou eu, vencendo a minha propria alegria, impondo ao seu espirito gentil, a tragédia astral e humana, que me turva o sangue e a luz dos olhos.

VIII. O môcho, coitado, tambem ama a primavera. O canto erudito não desdenha a ingenua canção. Gosta mesmo de a vêr brincar atravez o fumo dos seus oculos.

IX. O môcho canta na primavera, e o seu cantar promete a alma ao Demonio.

Ha Margaridas nos montes e nos outeiros. O Maluco dos livros quebra o compasso e a esphera, e, protegido pela noite, vagueia nos pinhaes, — e canta!

Mas o seu canto faz lembrar o ho-

mem depois da Queda; tem resonancias funebres e as suas azas de cinza turbam a luz da lua...

Ai, dos passaros que edificaram o ninho na arvore da sciencia! Ai, da voz que pergunta!

X. Pobre môcho, a primavera não te pertence! Por mais que abras o bico letrado, por mais que cantes o teu latim de agouro, aquele vulto de flôr e sol, não é para as tuas garras poidas de esgravatar sepulcros; — é para o melro alegre, para o rouxinol inspirado, para essas aves que vivem, mais cheias de luz na sua ignorancia divina, do que tu, pobre môcho, na tua sciencia diabolica!

DA INFANCIA E DA ALMA

I. Passeio distraído, á sombra das minhas arvores. De repente, um canto de ave transporta-me ao Passado. A minha infancia, chamada por aquela voz de acaso, resurge. A luz da Primavera mistura-se com o meu sangue. Corre nas minhas veias a alegria; sobe-me aos labios e aos olhos. É visão de inocencia, verbo em flôr...

Meu sêr, já empedernido em formas de peccado e morte, esconde-se debaixo da verde folhagem nova. Veste-o a graça de Deus...

II. A infancia não morre. O anjo que sômos nos primeiros annos, vae-se,

com o andar dos annos, sepultando em nosso corpo. Ás vezes, acorda ao contacto d'uma voz familiar ou de qualquer cousa que, tendo sido do seu tempo, ficou, em nossa memoria, perto d'ele.

Por isso, um canto de ave, acordou, em mim, a recordação dum outro canto egual, ouvido outrora; e este canto, ao estremecer e abrir as azas, despertou a minha infancia.

III. A infancia vive sempre comnôsco. A inspiração do Poeta é ainda a sua infancia sobrevivendo...

O que, nos grandes Poemas, me domina, é a visão instinctiva do mundo que lhes desvenda novas formas; a emoção directa, inocente, que se apega; o espanto infantil de quem vê pela primeira vez; a sensibilidade ao contacto do Misterio...

IV. Na velhice, o Anjo da Infancia aflora claramente. Torna-se leve e fragil a pedra do seu tumulo. A resurreição aproxima-se.

O homem, vivendo, sepulta, asfixia a sua tenra infancia no corpo endurecido... Mas ha um momento em que ela reage e se liberta. É a manhã da aleluia, a hora da morte!

V. A infancia não morre. É a Divindade da egreja que nós sômos.

Nos primeiros tempos, vive, cá fóra, á luz do sol; passeia entre as cousas e os sêres. É o periodo feliz em que os homens comunicam directamente com os Deuses.

Depois, a divina Presença converte-se em estatua, sobre um altar, na penumbra dos templos.

É o periodo da evocação.

VI. Homens, evocae a vossa infancia a todo o instante. Vereis o seu vulto adormecido, acordar e vestir-se da luz que julgáramos extincta para sempre. Cultivae-a. Extraí d'ela a essencia dos vossos pensamentos e o mobil das vossas acções.

Se as más influencias do meio, vos

dispersarem o caracter, encontrareis no culto da infancia, a materia original e sã, renovadora da vossa individualidade...

VII. Que a vida do homem seja um perpetuo regresso á infancia, — ao estado angelico e perfeito.

VIII. A primeira imagem que recebemos do mundo, é que nos mostra o mundo na sua verdade essencial.

O primeiro olhar consciente fixa, para toda a vida, a figura moral do homem. O segundo olhar é já o principio do nosso crepusculo, e as ideias que se succedem á primeira, formam o declive da encosta.

Do berço até ao tumulo, a descida é rápida e constante.

IX. Sim: cultivae a vossa infancia. Ide atravez d'ela. Podereis entreabrir a porta que se fechou, sobre vós, na hora do nascimento... E a claridade do Além

poderá deslumbrar, em vida, o vosso espirito.

X. Cultivae a infancia. Aproximae-vos da vida anterior, isto é, da morte.

Se conseguirdes atingi-la, ireis ao proprio seio do Futuro.

XI. A porta do tumulo dá para a nossa infancia. Quando penso entreabri-la, imagino contemplar o sol dos primeiros dias, a paisagem onde eu fui a inocencia, e o verbo nos meus labios, afogado em comoção, é um vagido apenas.

No ventre da terra, o nosso pobre corpo evoluido, emurchecido, floresce, involue, as rugas alisam, a pele satura-se de aurora, tingem-se de oiro vivo os cabellos, e o coração desencantado entra n'um novo encantamento.

XII. O *além-berço* e o *além-tumulo* são dois Paraisos que se tocam e fundem um no outro. Ali ficam os campos elisios das Almas. Ali vagueia o corpo virgem do

Misterio. É ali a sua paisagem natal, o seu Reino, d'onde, ás vezes, dirige a palavra de silencio á alma remota do homem que só o vé, frente a frente, no primeiro e deradeiro olhar, atravez da primeira e derradeira lagrima.

XIII. Os olhos das creanças conservam por algum tempo o espanto d'aquela apparição. E nos olhos dos grandes Poetas, esse espanto sobrevive á infancia, persiste dentro d'eles, ampliando-os n'um crepusculo infinito de tristeza. E os seus canticos nascem amortalhados n'esse crepusculo, pois eles sóbem á luz da vida como nós descemos ao tumulo...

Na mais alta estrofe do Poeta, presente-se o quer que é de cadaverico e mortuario.

XIV. Cada apparição da alma corresponde a uma creação ou excedencia d'uma forma de ser imperfeita e anterior a ela...

A *alma tem de ser creada* pelo corpo;

mas devemos dar á palavra crear um sentido mais amplo, de maneira a abranger, em si, a palavra revelar.

Crear não corresponde a tirar do Nada alguma cousa. Ora, tirar d'alguma cousa uma outra cousa diferente, é *crear* porque aparece o *novo*, e é *revelar* porque o *novo* que surge, resulta d'uma cousa anterior, excedendo-se por virtude propria.

Uma certa creação é uma *possibilidade* realisando-se; mas aquela já existia, n'esta, d'algum modo.

O mineral creou o vegetal; o vegetal creou o animal, e este creou o espiritual. São creações — revelações sucessivas, apparições forçadas da alma á luz do mundo...

XV. Mas para que descem as almas á contingencia da Materia? Para que Deus, de existente, se torne vivente; de *creador material*, se torne *creatura espiritual*...

A alma, descendo ao mundo, pre-

parou o reinado de Deus. Sofreu a dôr de ser *creada* e *revelada,* a fim de se fazer creadora e reveladora de Deus, e concluir a obra do Universo.

Eis a divina Tragedia...

XVI. A alma trouxe Deus ao mundo, e veio eternisar, em imagem de espirito, em *presença de saudade,* as pobres cousas transitorias, toda a creação anterior a ela.

XVII. A alma é o proprio corpo imortalisado, transcendente. Aparece, depois da morte, com as feições que vestira durante a vida.

A *Lembrança,* creando a nossa Figura eterna, impõe-lhe as primitivas formas carnaes. Por isso, a consciencia do homem não distingue entre o corpo e o phantasma. Transita de *meio* sem saber.

XVIII. Cada sêr está presente na sua imagem de Saudade; e mais presente ainda que no seu vulto material.

Por intermedio d'ela, nós vivêmos no Além, ao pé dos Anjos e dos Deuses.

XIX. A estrela que eu contemplo, desce ao fundo da minha alma, e ali scintila mais aceza. Ali divaga a lua radiante da sua infancia remota; lembra o sol do meio dia. Ali rumorejam as arvores que eu amei, e dão fructo e flôr, e a sua sombra desenha-se, em branda suavidade escura, n'esta intima solidão em que me perco... Ali vivem as creaturas bem amadas.

É o reino da Memoria...

XX. Homem, aprende a viver na tua Imagem! Terás assim, antes da morte, a consciencia da imortalidade. Habitua-te a ser o teu phantasma. Vae, desde já, modelando em saudade, a tua presença eterna.

ORESTES E HAMLET

I. Contemplamos com os olhos do espirito as nossas acções de natureza animal.

O Espirito observa a Materia. D'ahi o desgosto hamletico do homem...

II. Orestes no templo de Apolo, sob a furia das Euménides... e Hamlet, monologando entre o phantasma do pae e a sombra viva de Ofelia, representam perpetuamente o drama da Desilusão.

III. Nem Orestes nem Hamlet comprehenderam os dois principios inimigos, agindo, d'um modo contrario, no mesmo sêr escravisado.

IV. O homem é um scenario de Tragedia. E os personagens? Satan e Deus.

V. Pelos nossos olhos espreita a nossa alma...

Como ha-de ela ficar contente do espectaculo? Impossivel!

VI. Ai do homem justo que vive no homem criminoso! Ai do homem pensando o bem, porque é o *espirito*, e praticando o erro, porque é o *animal!*

VII. Toda a creatura deve ter a consciencia das *duas pessoas* que superiormente a formam, e não as confundir, de maneira a pedir contas a uma pelas acções da outra.

VIII. O homem pensa como espirito, e procede como animal.

A liberdade e a fatalidade em guerra acêza! Eis a dôr e a origem da alegria. A dôr — fatalidade creando a liberdade — alegria, o animal gerando o espirito.

IX. *Fragilidade, o teu nome é de mulher!* Esta frase é a repercussão d'uma outra frase, ecoando atravez dos seculos: *Virtude, não és mais que um nome!*

São duas blasfemias errando o alvo, e atingindo a alma humana!

X. Quando julgamos alguem, é lá de cima, d'entre nuvens e relampagos, que ditamos a sentença.

A alma do juiz ignora que está n'um corpo e se dirige a outro corpo; imagina-se ainda ilimitada e livre na sua primordial divindade.

Por isso, a alma do criminoso, ao ser julgada, contempla o juiz, surprêsa, como que dizendo: «Que tens tu que vêr comigo?»

XI. E por isso o homem não ama a sua condição animal. Trata de a ocultar aos proprios olhos, por meio do vestuario e das palavras.

Nunca notastes a tristeza que inicia

a refeição? o silencio de humildade que se faz entre os convivas?

Durante os banquetes, necessitamos de beber alegria constantemente.

Percebe-se a origem da embriaguez.

XII. O homem evita a sua condição animal e presente; refugia-se no perdido esplendôr. O remorso de viver persegue-o. A sombra de Caim, liquifeita, gira-lhe nas veias...

E o Universo não será tambem um remorso para Deus, se é que ele vive na sua obra?

Quem sabe se as estrelas ardem, como brazas vingativas, no coração de Deus?

A creatura é o remorso do Creadôr, o estigma da sua impotencia.

XIII. Concebei um negro Demonio refugiando-se na memoria da sua antiga e angelica pureza, a julgar os companheiros de revolta e perdição.

Este Demonio é o Homem; este De-

monio é o Hamlet monologando, Electra junto do tumulo de Agamémnon, vendo erguer-se, da pégada conhecida, o vulto querido de Orestes...

XIV. Mas devemos amar este Demonio. Alimentemos a plutonica fogueira, d'onde sóbe a claridade olimpica.

Emquanto a féra humana rasteja na terrena escuridade, o seu phantasma divaga de estrela em estrela, e contempla Deus face a face.

OS ESQUECIDOS

I. É a hora do crepusculo.

Vagueio sósinho num êrmo cemiterio... Ao longo da avenida principal, velhos ciprestes verde-negros lembram duas filas de espectros, múrmuros de vozes mortas... Na espessura das ramagens palpitam azas agoirentas.

Ouve-se cantar um môcho, a distancia... Como a noite é o scenario d'aquele canto!

Sob a sua influencia, as lembranças revivem na memoria, e os phantasmas aparecem.

É um canto que se repercute além da Vida...

II. Depois de percorrer o passeio central do cemiterio, branco e rectilineo entre filas de arvores e jazigos de familia, dirigi-me atravez dos tumulos, curioso dos seus aspectos que traduzem ultimos desejos, derradeiras expressões de alma, despontando já no primeiro crepusculo da Morte.

III. Subito, avisto, á minha esquerda, uma sepultura de mármore, tendo á cabeceira uma alta lápide, com o nome do defunto, e por cima, o seu retrato, embutido tambem na pedra.

Representa um homem de meia edade, vestindo com elegancia, o cabelo bem cuidado, simpática aparencia alegre.

Um homem absolutamente d'este mundo...

Custa-me a concebê-lo cadaver! Vê-se que não pensava na morte, quando foi fotografado. Não *pousou* para o Outro-Mundo...

IV. Logo, á direita, encontra-se uma

outra sepultura gradeada de ferro. Sobre a tampa de granito, uma jarra tombada entorna murchas flores, ao pé d'uma amphora de barro que as nuvens encheram de agua... benta.

O retrato da defunta destaca-se incrustado numa lápide marmorea que termina em cruz.

É uma rapariga na flôr da edade. Belos olhos de melancolia, alumiando, em volta, a formosura branca do rôsto. Que ar vivo, insinuante, magoado de ternura! e tão intimo! e tanto á flôr dos olhos! — que me penetra ainda da sua vida, já morta para ela!

Ha nos seus labios, palavras que eu entendo; palavras que me contam a sua historia, os seus amôres, a primeira visão da morte empecendo-lhe no meio da sua esperança... no mesmo dia em que fôra pedida pelo noivo...

Ah, como é eloquente de magoa este retrato, embutido no frio marmore! E como ele parece ver, com tristeza, a jarra tombada aos seus pés, as flôres murchas,

a pequena amphora cheia de agua indiferente, caida das nuvens, por acaso...

V. Adeante, avistei outra sepultura, de pedra, em alto relêvo, escura do tempo.

Á cabeceira, encontra-se um anjo de grandes braços pendidos, numa atitude fria de abandono, inclinando a fronte, não sob o pêso da angustia que deseja traduzir sinceramente, mas do proprio marmore de que é feita.

É um anjo caricatural da morte, que provoca o riso aos que ainda vivem...

Aos seus pés disformes repousa, num caixilho de metal, o retrato do falecido.

Deve ser estranho ficar a gente a viver numa pintura, sobre o seu tumulo!

Mas este retrato (ai d'ele!) causa pena.

Representa um velho indeciso, muito calvo e de suissas... Mudou de expressão, no momento em que o expuseram, ao sol, ao vento e á chuva...

Tornou-se amarelo, desbotou... Sabe

o lugar que ocupa. Tem, na verdade, todo o aspecto de quem jaz...

Pobre velho! É um resignado, um vencido para sempre, um duas vezes defunto, prostado aos pés d'um anjo caricatural, cujas lagrimas de marmore fazem rir.

Haverá mais tragico destino?!

VI. Eis ali outro tumulo gradeado e pequeno. É de creança.

Vê-se tambem o seu retrato embutido n'uma cruz de ferro, enfeitada com flôres, tão cheias de viço e frescura que, se eu tivesse vindo mais cêdo, surpreenderia a mãe junto da campa do filho...

Toquei religiosamente n'um lírio branco, todo acêzo de neve, aos pés da cruz... Estava molhado... Seria o orvalho da tarde?...

Contemplei depois a pequena fotografia, atravez d'um vidro embaciado de beijos, ainda quente...

Nos seus labios infantis, percebe-se o alvoroço dum sorriso extinto ha pouco.

E nos seus olhos grandes, sente-se crescer intima sombra de tristeza, que adquire vagamente, no ar sombrio, uma figura de mulher que se afasta.

É a ausencia da mãe escurecendo o pequeno retrato do filho, ou o primeiro tôrvo halito da noite?

Observei depois a sepultura, a cruz de ferro, as flôres enodoadas de sombra...

Observei ainda o retrato.

Subito, inesperadamente, soffri uma impressão de mêdo — o mêdo da pobre creança ali sósinha, no meio dos tumulos, sósinha quando a noite é morta e os môchos piam...

E fiquei a olhá-la, muito tempo, magoado de intima piedade...

Ah, como ela devia ter sido encantadora!

Aquele sorriso, aquele rôsto moldado em ternura de alma, aquele ar dorido e vivo de milagrosa aparição, encheram-me os olhos de lagrimas... Vi que não estava só, que tinha Alguem ao pé de mim.

Nem o sepulcro, nem o retrato da creança, nem a férrea cruz florescida, me falavam de morte... Sim: a pobre creancinha não repousava debaixo da pedra tumular, ainda branca do cinzel.

Era toda no seu retrato animado, — tão animado que a sombra dos sepulcros e a da tarde, o êrmo da hora, o lúgubre piar das aves nocturnas, — tudo, em volta d'ele, parecia diluir-se e amanhecer na luz dos seus olhos grandes.

VII. Afastei-me d'ali com saudades.

O zéfiro soprava do ocaso, impregnado de oiro e sombra. As mãos da noite amanhecente retocavam os lividos tumulos de marmore.

VIII. Mais alem, desenham-se, em vagas ondulações de saibro, as campas humildes, com a sua *lousa* numerada...

O defunto n.º 1, n.º 2, n. 3, etc... Vêde a ironia official, o gesto burocratico atingindo o Outro Mundo.

IX. Em algumas campas, sob a terra bolida de fresco, adivinha-se o cadaver, humido de lagrimas ainda, dentro do seu fato novo, salpicado de terra...

Ha sombras de saudade rodeando a *lousa* escura e o seu branco numero recente... A palida efigie do morto vive ainda na memoria dos vivos... Eis a morte na flôr da idade, tentando as suas formas esqueleticas, definitivas.

X. Continuo a divagar ao longo do cemiterio... A minha sombra, já indecisa, projecta-se fraternalmente sobre as campas... Sinto, por intermedio d'ela, como um contacto de cinzas, presenças desfeitas e sem nome, que me falam do seu tragico abandono...

Figuram-se vagos espectros no crepusculo, trémulo de negras azas. A primeira sombra nocturna cáe em bátegas de silencio. O meu vulto, chimerico de melancolia, ergue-se meditativo d'entre as campas humildes; lembra funerea lápide erigida a todos aqueles mortos... Sou *memo-*

ria... recordação petrificada... esphinge consumida pelo seu proprio enigma, que se interroga e não responde...

XI. Deixei a parte civilisada e urbana do cemiterio, e encontro-me em plena aldeia, ao pé das campas da Pobreza... choupanas feitas de terra.

Aqui repousam os corpos queimados do sol, que o trabalho endureceu.

De que alegria será o riso d'estas caveiras, sempre tristes durante a vida, em sua rugosa e sêca máscara carnal? Oh, que expontanea alegria, perfeita, sem mistura!

O solo que vou trilhando, é todo, lá por baixo, um deslumbramento de riso, mar lávico de alegria...

Ha tantas boccas a rir, sob os meus pés, na escuridão, como ha estrelas a brilhar no ceu nocturno...

E este riso imenso, inextinguivel, aflora na terra, evolando-se em perfume e côr.

É riso o oiro dos bem-me-queres, o

vermelho da rosa, a brancura do jasmim, o azul dos miosotis...

A alegria dos mortos floresce a terra!

XII. De cada campa humilde, parece-me ver surgir um espectro camponez, segurando phantastica enxada nas calosas mãos de sombra... Vejo tambem phantasmas de mulheres com os filhos ao colo, e de mendigos a rezar. E todos se mostram a uma luz que é o seu proprio riso eterno.

XIII. Mais fresco e ligeiro, o ar balouça a rama densa dos ciprestes, sobre a livida brancura dos marmores. As cousas revelam, atravez do crepusculo, êrmas fisionomias espectraes, gravadas em silencio e esquecimento...

O Esquecimento! Como ele toma figura, quasi humana, aqui, entre estes sepulcros, á sombra dos ciprestes que são mortos desfigurados em arvore, penetrando-se de obscura vida remota.

O Esquecimento! Como ele se torna,

ao pé de mim, um personagem de tragi-comedia, — o mesmo personagem que aparece a falar nas paginas d'este livro, feitas de sombra e carne.

XIV. Ao lado d'uma campa recente, branquejando, estende-se uma fila de velhas campas sem relêvo, e algumas sem *lousa,* vagos monticulos de terra...

É aqui onde jazem os esquecidos verdadeiros, já esquecidos da morte, do proprio saibro que os devorou, vaga e truncadamente prêsos á sua antiga forma, por uns vestigios de ossos carcomidos e dispersos...

De vós, nem resta o esqueleto! Pobres sombras anónimas que o luar, á noite, não destaca.

A Lembrança não voltará a ajoelhar sobre os vossos tumulos, rezando, acordando-vos de leve...

XV. Ai dos Esquecidos! Phantasmas de phantasmas! Debalde tento conceber o que eles fôram durante a vida, as

suas dôres e alegrias, o traço fisico e moral que definira a sua presença... É como se nunca houvessem existido.

XVI. Eu choro sobre as campas, onde a erva, esse enfeite do Abandono, espalha o mimo da verdura...

Que as minhas lagrimas murmurem no silencio eterno em que tantas creaturas se abysmaram, sob o pêso das suas dôres!

Ó pobres almas esfarrapadas pela Morte, que simpatia me prende ao nada absoluto que já sois! É para vós a minha saudade mais perfeita, a saudade dos sêres que eu nunca vi... Que ela toque as vossas cinzas animando-as, concentrando-as, de novo, em figura humana, capaz de entender a minha angustia.

XVII. Eu vos invoco, pobres Phantasmas sem nome! Deixae o esquecimento que vos cobre, mais pesado e gélido que a terra, e vinde á minha alma tambem anónima e esquecida, como vós...

O que, em mim, é inominado e lon-

ginquo, — dôr que jámais foi lagrima nos meus olhos, alegria que jámais foi riso nos meus labios ,— paira sobre o tumulo dos esquecidos, nesta hora em que o mundo baixa ás lugubres regiões das Sombras.

Deslisam-me pela face ignotas lagrimas, guardando o segrêdo da sua dôr... Vejo-as cair na terra, escuras de silencio, pesadas d'um misterio que só as almas mortas de abandono saberão, talvez, desvendar...

E um divino alivio sobe, para mim, de cada lagrima que tomba... É que a minha saudade alvoroça o Outro Mundo, e a sua phantastica alegria parece reflectir-se em meu espirito...

XVIII. A noite mais escura sepultou, afinal, as pobres campas ânonimas... Sómente as lápides e os tumulos de marmore, enodoam de palidez o denso crepusculo tecido em negras ramagens e trémulas azas agoirentas...

AO LUAR DAS HORAS MORTAS

I. Distraído, vagueio, ao luar, no meu jardim...

Sou chimera, palidez de alma, sôpro de morte... Meu sêr desfolha-se em intimas lembranças que revivem...

II. Ó imagens, que rondaes á luz da lua, no cemitério da Memoria, é na vossa companhia que eu passo as minhas horas verdadeiras, feitas de tempo genuino; as horas vivas que têm figura e jámais nos abandonam.

Falo comvosco ao luar das horas mortas, quando o silencio me dispersa e as sombras das cousas se confundem com as sombras do meu espirito.

É comvosco, ó phantasmas, que eu me quedo, e vejo passar a onda que me levava.

III. Hora em que sou vago e indeciso... crepusculo fundindo as apparencias inanimadas e a minha propria apparencia n'uma só Apparição, que é tudo quanto existe transmudado no meu sonho.

IV. Hora do silencio, do luar e dos phantasmas, quando a terra é chimerica na sua impassivel redondeza bruta, mas plena de realidade viva dentro da lagrima que nos sobe aos olhos e brotou da fonte do Universo; — lagrima que não é de dôr, nem de amôr, nem de alegria, porque é simplesmente a Lagrima, a gota de agua indiferente e lucida, suspensa no meio de todas as cousas, comungando-as e refletindo um novo mundo.

Assim a lagrima final, chorada á beira do tumulo, com um hemisfério mergulhado na noite e o outro ainda na luz do sol, condensa no seu seio, já phantastico,

os instantes vivos da nossa vida; e, cheia d'esse novo pêso, se desprende, rolando-nos pela face.

V. Hora do silencio, do luar e dos phantasmas, da profunda e plena Identidade...

Atravez do meu sêr, mais vago que o ether, gravitam as estrelas e os sonhos, palpitam brancas azas de Anjos, negras azas de Demonios, nublosas formas transparentes que são arvores, flôres, creaturas na sua ancestral chimera!

VI. Hora da infinita Lembrança de Tudo...

Hora da sombra, do silencio, hora da morte, quando a luz do nosso olhar se confunde com a luz dos astros e vem fazer o nosso dia!

VII. Ao luár das horas mortas, passeio no jardim, e os meus olhos povoam-se de imagens...

E n'eles representam a sua Divina Co-

media, desde o seu estado corporeo e demoniaco á sua nova e sagrada figura imaginária.

VIII. Eu passeio no jardim, ao luar das horas mortas...

E outras imagens, de mais longe, chegam tambem ao reino dos meus olhos... São as imagens saudosas, poeirentas de luar, anunciando a grande jornada.

Ha sombras de arvores dando a mão á sombra da minha infancia, que volve a face comovida á imagem d'uma estrela...

E estas sombras vivem, têm gestos e vozes no scenario dos meus olhos. Como que lhes paira nos labios, esta palavra: emfim!

IX. Eu divago ao luar das horas mortas, no meio de phantasmas que me conhecem desde os meus tempos de menino.

Este poder de comunicar com as cousas e o seu Invisivel, bem cêdo dramatisou a minha alma.

Os primeiros momentos de extase vividos, tenho-os presentes na memoria..

O crepusculo, murmurando a sua canção anoitecida, embalou o meu bêrço. Eu era creança ainda, quando me appareceram a sombra, o luar e o mêdo.

As velhas creadas contavam-me, junto ao lar, historias de Bruxas, de *Cousas Ruins*...

Como a noite atemorisava as suas almas, que povoam os êrmos de mais sombras do que a lua quando nasce... Que estranhas visões! Que phantastica Mithologia toda pintada a negro!

Fôram elas que abriram, de madrugada ainda, meu espirito a esta sombria inspiração, sensivel á Dôr e ao Misterio.

Ás três primeiras Musas lhes deixo aqui o nome em tardia homenagem: *Eusebia, Ignez, Lucrecia.*

Pertencem ao Outro Mundo...

Por lá vivem na companhia dos phantasmas de que tantas vezes me falaram, já phantasmas tambem.

X. Ao luar da meia noite passeio no meu jardim...

O luar que vem da serra á noitinha, é o luar dos pegureiros, das canções, tôrvo do fumo dos casaes, maguado das figuras tristes que regressam á lareira...

É o luar dos marulhos da agua, das ultimas vozes, das portas que se fecham, do canto dos sapos, dos solitarios caminhantes que se turbam de crepusculo e quasi se confundem com as cousas...

Eu prefiro o luar da meia noite, o luar alto e sério, o luar êrmo, o luar dos intimos silencios, das negras sombras imoveis...

Á tua luz é que eu divago no meu jardim... Eu? Pelo menos, *isto* a que chamamos *eu,* — este sobresalto iluminado, prêso a uma forma indecisa, de momento, que lhe não pertence!

Sim, sou eu, — este delirio que me cria a todo o instante, que me desenha constantemente no espaço e no tempo, como o fogo desenha as suas chamas. Este delirio a si proprio sucedendo-se

com tal rapidez, que não permite ver os grandes intervalos que o dividem! Este delirio esboçando uma figura que ele engeita, por fim, já cançado, entregando-se á Desilusão victoriosa.

Eu — esta sombra de presença feita de sonhos mortos.

XI. Á tua luz divago no meu jardim, ó luar da meia noite... E os meus olhos maculados de sombra, volvem-se para a luz dos astros que os lava e purifica.

E essa vaga lagrima esfumada, que é meu proprio olhar, penetra-se de igneas côres, de vivas scintillações remotas; comunga a Creação.

E ei-lo a caminho do Infinito.

XII. O homem vive n'um pequeno Átomo central d'um grande Corpo. É o sêr perdido no tenebroso centro do Universo, perpetuamente chorando a esplendorosa Superficie, onde gravitam os mundos bemaventurados, com uma face vol-

tada para a noite, para esse tragico Abysmo abrasado de estrelas, rumoroso de almas aflictas no seu cárcere eterno — e com a outra face voltada para as divinas Altitudes.

Ali, as creaturas têm o Universo debaixo de seus pés. Sobre a sua fronte, á sua direita, á sua esquerda, não ha mais estrelas nem mundos... É o ceu limpo de toda a sombra de materia, o ceu perfeito alongando-se infinitamente...

Felizes dos que nascem nas regiões suprêmas do Ar livre!

A Divindade passa-lhes á porta; — a Divindade real, não a Divindade reflectida, emanada de Longe...

XIII. Deus vivendo na explendorosa Superficie, a sua sombra penetra, já débil, no intimo do Universo, e deslumbra as pobres almas prisioneiras que se extasiam apenas no seu Presentimento.

XIV. As almas felizes da etérea Su-

perficie, é natural que vejam Deus em corpo vivo e não em sombra remota, como nós.

Lá é a altitude da Visão. Aqui, o fundo vale escuro do incerto Presentir.

XV. Mas o espirito trabalha o seu Presentimento e o molda á sua imagem, convertendo a vaga materia prima que é divina, n'uma figura que, afinal, é humana.

Por isso, o nosso Deus, o Deus d'esta região infernal e central, é mais uma obra da Lembrança e do Desejo.

XVI. Nós habitamos o Cárcere, meus amigos! Aproveitemos algum raio da divina Luz exterior coado pelas friestas!

Vivamos, ao menos, n'esta branda e difusa claridade interior, n'esta meia sombra que nos dá a ilusão da Luz, muito embora altére e espectralise as formas e as figuras.

Sim: vivamos n'este paiz da noite e do misterio e da saudade da vida, o nosso divino Presentir, o nosso estado de simpatia, na esperança da perfeita Visão.

(1.ª edição — 1914)

INDICE

O poeta 9
A noite lusiada 13
A memoria 15
Primeiro remorso 27
Antemanhã 31
Ele 33
Da alegria e da tristeza 37
O mar e a noite 49
Ao canto da lareira 59
Da pessoa 63
As mascaras 69
O espirito e a morte 77
Da origem 83
Turba-multa 89
A dôr e a caricatura 111
Os mêdos 115
A sombra do meu berço 121
Um pensamento latino 125
Da minha janela 131
O demonio 141
Da presença 147
O meu phantasma 151
Euridice e Orfeu 157
O corpo humano 163
Désir 169
O outomno 175
A primavera e o mocho 179
Da infancia e da alma 183
Orestes e Hamlet 193
Os esquecidos 199
Ao luar das horas mortas 213

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 6 DE JUNHO DE 1923

ULTIMAS EDIÇÕES

Retalhos e Bisalhos—*Eduardo Ramos*	5$000
O Livro de Thilda — *José Vieira*	4$000
Ronda Crepuscular — *Silveira Neto*	4$000
A Cruz de Guerra — *Jorge de Castro*	1$000
Poesias — *Cruz e Souza* .	6$000
O que tinha de Ser... (2.ª ed.) *Mario de Alencar* .	4$000
Margara (Romance) — *Matheus de Albuquerque* .	5$000
O Espelho de Ariel — *Ronald de Carvalho* . .	5$000
Idilios dos Reis — *Alberto Pimentel*	4$000
Intelligencia das Coisas — *João do Norte* . . .	4$000
Verbo Escuro (2.ª ed.) — *Teixeira de Pascoaes* .	4$000